



O uso da WebQuest nas aulas de História e de Geografia para a promoção de competências nos alunos: um estudo com alunos do 9º ano de escolaridade

Regina Soraia Pereira Pires

UMinho | 2013



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Regina Soraia Pereira Pires

O uso da WebQuest nas aulas de História e de Geografia para a promoção de competências nos alunos: um estudo com alunos do 9º ano de escolaridade

outubro de 2013



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Regina Soraia Pereira Pires

O uso da WebQuest nas aulas de História e de Geografia para a promoção de competências nos alunos: um estudo com alunos do 9º ano de escolaridade

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de História e de Geografia no
3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Isabel Barca

outubro de 2013

DECLARAÇÃO

Nome: Regina Soraia Pereira Pires

Título do Relatório: o uso da WebQuest nas aulas de História e de Geografia para a promoção de competências nos alunos: um estudo com alunos do 9º ano de escolaridade.

Supervisora:

Professora Doutora: Isabel Barca

Ano de Conclusão: 2013

Designação do Mestrado:

Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho: ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer à minha família, em especial à minha mãe, minha “companheira de guerra”, aos meus irmãos e ao meu querido namorado que em momento algum deixaram de me apoiar ou de perceber a minha ausência nas suas vidas.

À Dr.^a Marta Lobo e ao Dr. Francisco Mendes um muito obrigada por terem marcado o meu percurso académico de forma tão positiva e tão construtiva.

À excelente orientadora a Prof. Dr.^a Isabel Barca, cuja dedicação e empenho possibilitou este trabalho.

Às Orientadoras Cooperantes, Dr.^a Patrícia Braga e Dr.^a Manuela Afonso que desempenharam um papel preponderante nas minhas opções enquanto futura professora.

Aos alunos, que tanto se empenharam na realização deste projeto.

Aos meus colegas Andreia e Manuel, pelos momentos fantásticos mas de árduo trabalho que passámos juntos.

Aos meus queridos colegas de trabalho por todos os momentos que lhes falhei, para me dedicar a este projeto.

A todos um muito obrigada...

Resumo

Este Relatório é o resultado da implementação de um projeto de Investigação Pedagógica que procura perceber as potencialidades do recurso a WebQuest para a promoção de competências em alunos do 3º ciclo do Ensino Básico, nas disciplinas de História e Geografia. Para tal, foram elaboradas de raiz duas WebQuest a serem realizadas pelos alunos em grupos de pares, e que deveriam resultar na elaboração de um texto, onde fosse possível perceber se o recurso a este tipo de atividades promove o desenvolvimento de competências e a construção de conhecimento. Este projeto foi realizado com uma turma do 9º ano de escolaridade e as temáticas abordadas foram a Revolução do 25 de Abril, no âmbito da disciplina de História e a Desflorestação, no que concerne à disciplina de Geografia.

Seguindo uma abordagem de investigação-ação os resultados finais produzidos, bem como todos os dados recolhidos durante o desenvolver das tarefas, foram alvo de uma reflexão que servirá, antes de mais, para uma auto formação profissional sistemática e consistente, bem como, para reforçar a ideia de que, cada vez mais, um professor tem que procurar adaptar e inovar os seus métodos e práticas pedagógicas para cativar os seus alunos e para lhes proporcionar uma aprendizagem com significado.

Palavras Chave: Construtivismo; Competências; Aprendizagem; História; Geografia; Tecnologias de Informação e Comunicação; WebQuest;.

Abstract

This report is the result of the implementation of a Pedagogic Investigation Project whose objective is to understand the potentiality of the Webquest in increasing the capacities of the students from the 3rd Cycle of Basic Education, in History and Geography.

We built from scratch two Webquests to be filled by the students in pairs, that should result in the elaboration of a text, where we could understand if the use of this type of activities promotes the development of competences and the construction of knowledge. This project was made in a 9th grade class, concerning the theme of the 25th of April Revolution, in History class, and Deforestation, in Geography class.

Following an approach of investigation-action, the final results, as well as all the data assembled during the project, will be used, first, for a consistent and systematic professional self-formation, and second, to reinforce the idea that a teacher has to find ways to adapt and innovate in his methods and pedagogic technics in order to captivate his students and provide them a meaningful learning.

Key-Words: Constructivism; Competences; Learning; History; Geography; Information and Communication Technology; WebQuest;

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract.....	v
Índice de Quadros e Imagens.....	vii
Índice de Gráficos.....	vii
Introdução	1
Capítulo 1. Enquadramento teórico	4
1.1. A escolha do tema	4
1.2. O papel do professor	5
1.3. A aprendizagem e a conceção construtivista.....	7
1.4. As TIC no curriculum	10
1.5. TIC – ferramentas motivacionais	11
1.6. A aprendizagem da História e da Geografia aliada às Novas Tecnologias	12
1.7. As WebQuest no meio educativo	16
1.8. As WebQuest: o que são	16
1.9. Como se estruturam as WebQuest	17
Capítulo 2. Metodologia do estudo	20
2.1. Contexto de investigação	20
2.3. Apresentação e descrição do estudo.....	23
2.4. Levantamento de dados	24
2.4.1. Nota prévia	24
2.5. Apresentação dos Instrumentos de recolha de dados	25
Capítulo 3. Análise e discussão dos dados	27
3.1. Literacia Informática.....	27

3.2. A implementação do Projeto: realização de uma WebQuest	29
3.2.1. A WebQuest em História	29
3.2. 2. Levantamento das Ideias Prévias dos alunos	30
3.2.3. O resultado final: a resposta síntese	31
3.2.4. A Metacognição	33
3.3.1. A WebQuest em Geografia	38
3.3.2. Levantamento das Ideias prévias dos alunos.....	39
3.3.3. O resultado final: a resposta síntese em Geográfica.....	40
3.3.4. A metacognição.....	43
Capítulo 4. Reflexões finais.....	51
4.1. Reflexões finais.....	51
4.2. Limitações do estudo.....	52
4.3. Implicações futuras	54
Referências Bibliográficas.....	56
Anexos.....	62

Índice de Quadros e Imagens

Imagem 1. Imagem da WebQuest criada para a História (anexo 14).....	29
Imagem 2. Imagem da WebQuest criada para Geografia (anexo 15)	38
Imagem 2. Processo da WebQuest de Geografia (anexo 15)	41
Quadro 1. Metodologia da Intervenção (por momentos da aula).....	24

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Utilização dos meios informáticos dos alunos do agrupamento	21
Gráfico 2. Habilitações dos pais dos alunos	22

Gráfico 3. Uso que os alunos fazem da Internet.....	27
Gráfico 4. Tempo médio gasto pelos alunos na Internet (por dia).	28
Gráfico 5. Respostas dos alunos à ficha de levantamento das ideias prévias.....	31
Gráfico 6. Análise das respostas síntese de História	32
Gráfico 7. Importância da utilização da WebQuest na aprendizagem segundo a perspetiva dos alunos.....	33
Gráfico 8. Respostas dos alunos às questões 1 e 2	35
Gráfico 9. Outros aspetos da História aprendidos durante o decorrer da aula	36
Gráfico 10. O que mais gostariam de aprofundar sobre o tema	37
Gráfico 11. Respostas dos alunos ao levantamento das ideias prévias em Geografia....	39
Gráfico 12. Análise das respostas síntese criadas pelos alunos em Geografia.....	42
Gráfico 13. Razão pela qual os alunos gostam do recurso à WebQuest	44
Gráfico 14. Nível de elaboração nas respostas às questões 1 a 3	46
Gráfico 15. Respostas dos alunos à questão 4.....	47
Gráfico 16. Respostas dos alunos sobre o que mais gostariam de saber sobre o tema... 48	

Introdução

O presente Relatório foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular Estágio Profissional, que integra o ciclo de estudos do Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, no ano letivo de 2011/2012. E pretende-se, com ele, perceber qual o contributo da utilização de WebQuest na promoção de competências em alunos do 9º ano de escolaridade nas disciplinas de História e Geografia.

A massificação do uso da internet veio desfazer as barreiras para a partilha de conhecimento. Uma vez que nos encontramos numa era informaticamente avançada, onde tudo, ou quase tudo pode ser feito pelo recurso a um computador e às múltiplas valências da Internet, acreditámos que também compete ao professor uma reformulação das suas práticas pedagógicas que lhe permitam tirar partido destas ferramentas, e coloca-las ao serviço de um ensino-aprendizagem motivador e mais eficaz.

Com o crescendo dos horários em que os alunos são “depositados” nas escolas, estas, assumem-se cada vez mais, como uma segunda casa dos nossos alunos, e cada vez mais têm que se atualizar para estar à altura dos novos desafios com que se deparam. Fora dos muros da escola há uma imensidão de “novas descobertas”, “novas experiências” que cativam os alunos, e às quais é preciso dar resposta com atividades não menos motivadoras e aliciantes. Todos sabemos que grande parte das crianças recorre ao computador para passar o seu tempo, postar fotografias, comunicar com os amigos nas redes sociais, procurar informação sobre pessoas ou lugares etc. Porque não usar a Internet dentro das nossas salas de aula e fazer valer todas as suas potencialidades para uma aprendizagem com significado? Mas, para que tal aconteça, é necessário que os professores se atualizem, investiguem e estejam um passo à frente na Inovação. E foi precisamente esta necessidade de inovação que motivou o presente estudo, cujo intuito é o de perceber as valências do recurso às Tecnologias de Informação e Comunicação (doravante designadas de TIC), mais concretamente às WebQuest, nas disciplinas de História e de Geografia para a promoção de competências nos alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico.

O presente estudo é composto por quatro capítulos. Numa primeira parte procurou-se fazer um enquadramento teórico à luz da literatura existente sobre a conceção construtivista e as implicações que esta tem no papel do professor, assim como, sobre a importância e utilização das TIC em meio escolar. Na segunda parte é feita uma caracterização do Agrupamento, da escola e da população amostra participante, bem como, a enumeração dos instrumentos a serem utilizados para a recolha dos dados. Na terceira parte fazemos a análise e discussão dos dados recolhidos. Finalmente, na última parte, são apresentadas as reflexões finais e as limitações do estudo.

Enquadramento teórico

Capítulo 1. Enquadramento teórico

1.1.A escolha do tema

Como afirma Carla Monteiro (2010) é cada vez mais recorrente os docentes depararem-se com crianças cuja vida atribulada dos seus Encarregados de Educação se reflete no seu desinteresse, falta de motivação e dificuldades de aprendizagem. Pelo que o papel da escola e dos seus agentes se assume, cada vez mais, como preponderante na promoção do sucesso dessas crianças. E, para que tal aconteça, a escola tem que primar por *“um ambiente motivador, gerador de interesse e construtor de cidadãos”* (Monteiro, 2010, p. 1). O que, no nosso entender, justifica uma imediata e eficaz utilização das TIC em meio escolar. Pois, os alunos de hoje já nasceram na era informática e, desde muito cedo, convivem e manuseiam uma panóplia de ferramentas como comandos, telemóveis, consolas, computadores etc. Ferramentas essas que urge introduzir nas escolas para fortalecer o interesse e motivação dos discentes.

Não obstante, não basta equipar as escolas com todas estas ferramentas, é indispensável formar os professores, motiva-los a utilizar as novas tecnologias e motiva-los a investigar sobre o uso das mesmas. Pois, como consagrado na Lei de Bases do Sistema Educativo,

“o Sistema Educativo é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente ação formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade” (Monteiro, 2010 p. 7).

Como tal torna-se imperativo que os professores apostem no uso das TIC e aproveitem a democratização da revolução informática. E foi precisamente essa razão que moveu o presente estudo orientado por duas questões fundamentais:

1. Qual o contributo da utilização de WebQuest na promoção de competências nos alunos?
2. Qual o rumo da escola face a esta democratização tecnológica?

Relativamente à segunda questão não será difícil perceber que o rumo da escola passará, impreterivelmente, pela aposta na formação dos professores e pela busca contínua de resposta para as novas exigências com que estes todos os dias se deparam, pois, as mutações na Educação provocadas pelo acelerar do avanço tecnológico obrigam a uma prática docente dedicada e criativa.

1.2.O papel do professor

Como vimos, o professor que se assume construtivista age em primeira instância como facilitador do processo de ensino-aprendizagem, comportando-se como organizador e desafiador na planificação das suas aulas e no acompanhamento dos alunos nas variadas tarefas que desenvolve.

Segundo Schoumaker, baseada em J. Therer (1993-1994), os professores podem ter múltiplos comportamentos durante a aula, porém, à partida, em relação às atitudes em respeito à matéria e aos alunos, distingue quatro estilos de professores:

- *transmissivo* – centrado na matéria, o professor dispensa informação (adaptando-a ou não ao público e às circunstâncias);
- *iniciativo* – centrado na matéria e igualmente nos alunos (chamando a participação do grupo com questões muito diretas, com respostas imediatas, ou mais abertas);
- *associativo* – mais centrado nos alunos do que na matéria (o professor confia nos alunos e incita-os a trabalhar e assume-se como mero “corretor” de tarefas ou “pessoa-recurso” ao facilitar as aprendizagens);
- *permissivo* – pouco centrado na matéria e nos alunos (o professor assume-se totalmente passivo sem preocupação com os alunos ou com os objetivos ou, então, prepara atividades bem estruturadas e, sem grande, participação vai respondendo às solicitações dos alunos).

E, para que se promova um ensino com qualidade não há um estilo certo e infalível, podendo o docente assumir diferentes estilos consoante determinada situação. Isto é, perante a cada vez maior diversidade e heterogeneidade dos nossos alunos o professor não tem à sua disposição um estilo único e eficaz para dar as suas aulas. Dependendo da

turma, do contexto e até dos conteúdos temáticos a lecionar o professor terá, inevitavelmente, a tarefa de se saber adaptar. Pelo que a mesma autora é perentória ao afirmar que *“não há um bom estilo, aplicável em todas as circunstâncias, cada um dos estilos se pode revelar eficaz ou ineficaz em função das situações e em função das intervenções mais específicas do professor”* (Schoumaker, 1994, p. 169). Afirmando, ainda, que um professor que leva a sério a sua profissão tem que ir para além do bom domínio dos conteúdos programáticos, tem que ser consciente das fragilidades dos seus alunos e tem que saber usar a comunicação para estabelecer uma ligação entre o aluno, a sua própria figura e a aprendizagem (1994, p. 169). Ou seja, tem que promover e facilitar a aprendizagem, estando atento à sua turma e a cada indivíduo que a compõe, bem como, ser capaz de diferenciar os métodos em função desses indivíduos. (In <http://hluz.no.sapo.pt/trabalhos/desenvolvimento%20cur.pdf>) Pois, nas escolas de hoje não é possível por em prática um *“currículo uniforme, pronto-a-vestir de tamanho único”* (Formosinho, 1986, p. 41). Só sendo possível, e necessário, passar de uma lógica de uniformização a uma lógica de individualização, atendendo tanto a aspetos de foro escolar, como a aspetos do foro emocional e social. Onde o aluno é o centro do processo de ensino-aprendizagem, visto ser este o *“fundamento e razão de ser de qualquer método de ensino”* (In <http://hluz.no.sapo.pt/trabalhos/desenvolvimento%20cur.pdf>).

Nesta linha de pensamento a escola (entendida como os professores) deve proporcionar meios diferenciados que possibilitem aos seus discentes um ensino assente na coerência, na qualidade e na equidade. Na coerência ao ensinar-se o que está estabelecido no projeto educativo, e ao serem postas em prática modalidades de avaliação no seguimento desse projeto. Na qualidade, quando a escola é capaz de superar as diversas avaliações a que é sujeita. E, por fim, na igualdade, só possível quando todas as crianças têm acesso às mesmas oportunidades educativas, independentemente do estatuto social da família em que estão inseridas.

Não obstativo, Schoumaker chama a atenção de que qualquer método deve atender a três condições:

- 1) *“existência de um projeto consciente que aparece como o princípio organizador da experiência; um método manifesta uma escolha e situa-se numa perspetiva voluntarista;*

- 2) *homogeneidade nas práticas, que se traduz pela coerência dos meios à disposição e pela sua constância no tempo;*
- 3) *alguma previsibilidade dos efeitos produzidos, que são também em larga medida efeitos entendidos; a utilização de um método não suprime o aleatório e o improvisado, mas tende a transformar a aventura em viagem organizada”* (Schoumaker, p. 169).

Ou seja, um método pressupõe uma escolha voluntária, práticas racionais (na medida em que se atende aos meios e ao tempo disponíveis) e, inevitavelmente, algum improvisado.

Em suma, podemos constatar que não há um “bom método”, uma receita infalível para se darem “boas” ou “más” aulas, há sim a possibilidade de cada professor fazer valer as suas capacidades e adaptar a sua prática aos alunos que tem perante si, quando isso significar entender a sua turma como um todo e cada aluno como um indivíduo singular com fragilidades, com uma história de vida, com crenças, com valores e com conhecimentos aos quais irá associar os conteúdos temáticos, o que justifica a necessidade dos professores adotarem a conceção construtivista nas suas aulas.

1.3.A aprendizagem e a conceção construtivista

A aprendizagem é um processo ativo que se desenvolve desde que nascemos e evolui connosco. Mal nascem, as crianças, aprendem a interagir com o meio, a reagir a estímulos e a acumular um conjunto de informações que organizam em esquemas cada vez mais complexos (Piaget, in Fosnot, 1989). Ao ingressar na escola a criança é confrontada com um currículo formal e aí cria uma relação mais racional, mais distanciada e menos individualizada para com a Aprendizagem. Cabe, portanto, ao professor dar sentido a essa Aprendizagem, ao promover a aquisição de conhecimentos novos, inseridos e associados aos conhecimentos prévios do alunos, bem como, promover metodologias de ensino e aprendizagem desafiadoras que confrontem as conceções privadas dos alunos (Melo, 2009). Retirando-se ao aluno o papel passivo de

simples memorização e repetição de factos e conteúdos, para pô-lo a agir sobre a realidade e os objetos, para envolvê-lo numa ação sobre o seu pensamento e sobre o mundo em que está inserido. Neste sentido, urge adotar teorias de ensino e aprendizagem que dotem os professores de novas capacidades e de novas potencialidades. E é neste seguimento que nos deparámos com a conceção construtivista: um referencial teórico, ou, se quisermos, uma teoria sobre a aprendizagem que tem vindo a dar frutos nos últimos anos, ao partir dos pressupostos de que *“a escola torna acessíveis aos seus alunos aspetos da cultura fundamentais para o seu desenvolvimento pessoal, e não apenas no âmbito cognitivo”* e de que *“a educação é o motor do desenvolvimento entendido de uma forma global, isto é, incluindo capacidades de equilíbrio pessoal, de inserção social, de relação interpessoal e capacidades motoras”* (Coll, 2001, p.18). Segundo esta teoria do conhecimento, nós aprendemos quando somos capazes de elaborar uma representação pessoal e adaptativa sobre o que pretendemos aprender, partindo de experiências, interesses e conhecimentos prévios. E o professor não é entendido como “dispensador” do conhecimento, mas, como promotor de oportunidades e incentivos para que os alunos o construam, que utiliza a linguagem – a ferramenta mais poderosa que tem ao seu dispor - para orientar a construção concetual do aluno e não procura transmitir conhecimento concetual por via de palavras. Ou seja, os pensadores do construtivismo, Piaget e Vigotsky, entendem que os seres humanos não têm acesso a uma realidade objetiva, mas antes, a uma versão individualmente construída e transformada, sendo a Aprendizagem um processo de construção interpretativo e recursivo, que seria impossível procurar alcançar por via das palavras.

Glaserfeld (1996) reforça esta ideia afirmando a relação intrínseca entre o sujeito e o meio que o envolve, e a necessidade do ensino conhecer o ambiente que rodeia os seus alunos, tendo em conta a subjetividade das conceções que cada um faz de um mesmo ambiente. Perante o que o professor *“empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo concetual dos seus alunos”* (Barca, 2004,p. 133).

Seguindo esta lógica de uma aprendizagem socialmente contextualizada Barca (2004) defende o modelo de aula-oficina: onde o aluno aparece no centro da atividade educativa. Demarcando-se do modelo de aula-conferência, onde o professor se assume

como detentor do conhecimento que dispensa aos alunos e do modelo de aula-colóquio, que embora apele à intervenção dos alunos, continua a centrar-se na figura do professor, para passar a focar-se no aluno enquanto “*agente da sua formação com ideias prévias e experiências diversas*” (Barca, 2004,p. 134) e levando o professor a assumir-se como investigador social, organizador de atividades desafiadoras e problematizantes e detentor de um saber multifacetado aos níveis do senso comum, ciência e epistemologia.

Para a sua correta execução a aula-oficina baseia-se em três pressupostos metodológicos:

- 1) Levantamento das ideias prévias dos alunos, feito através da colocação de algumas questões que tendam a orientar toda a aula, este levantamento pode ser feito oralmente ou então por escrito. Podendo o professor anotar as ideias proferidas pelos alunos para, no final da aula, perceber a mudança conceptual;
- 2) Implementação de tarefas desafiadoras e problematizantes que promovam o desenvolvimento das competências a focar na aula, sendo claro que se devem diversificar as competências de aula para aula;
- 3) Avaliação qualitativa do trabalho desenvolvido pelos alunos no sentido de monitorizar o processo de aprendizagem, possível, por exemplo, através da resposta às questões colocadas no início da aula.

O modelo de aula-oficina afigura-se, portanto, um bom referencial para todos aqueles que pretendam empreender aulas motivadoras e promotoras da construção do conhecimento.

A atividade mental, que é a aprendizagem, não acontece a partir do nada, do vazio, mas sim do contacto do novo conhecimento, com aquilo que o aluno já conhecia, direta ou indiretamente sobre o conteúdo. Ou seja, quando o aluno se depara com um novo conteúdo, fá-lo munido de conceções e representações adquiridas anteriormente, as quais vai utilizar como instrumentos de leitura, interpretação e organização. Só assim o aluno processa a aprendizagem, com maior ou menor significado, de um conteúdo. E a aprendizagem é tanto mais significativa quanto maior for o número de relações que o aluno consiga estabelecer entre o conhecimento prévio e o novo conhecimento. O que nos leva a concluir que a atividade mental construtiva do aluno deve partir da

mobilização e atualização dos conhecimentos já adquiridos, para este perceber qual a relação desse conhecimento com o novo conteúdo.

Os conhecimentos prévios, segundo a perspectiva construtivista, existem em todos os alunos, independentemente da idade ou do grau de ensino. O que pode variar é o seu grau de elaboração, coerência, pertinência ou adequação face ao novo conteúdo. Sendo variáveis também, em função do contexto em que os alunos vivem e se desenvolvem. Mormente adquiridos no seio familiar, entre os pares (colegas e amigos), no próprio meio escolar (em níveis mais avançados) e pela própria experiência de vida, a validade dos conhecimentos prévios dos alunos é determinada pelas atitudes, valores e normas da cultura ou grupo social em que estão inseridos.

O interesse da perspectiva construtivista pelo estado inicial do aluno justifica-se, então, pelo facto destes conhecimentos incidirem diretamente nos processos de ensino aprendizagem. Mas o que é que temos que perceber se o aluno já sabe? A esta interrogação Mariana Miras (Miras, 2001, p. 63) responde que o professor deve tentar perceber que conhecimentos o aluno já possui relativamente ao novo conteúdo, ou seja, saber qual o conteúdo básico do processo de ensino aprendizagem. Por exemplo, se o conteúdo a lecionar for sobre as alterações climáticas no decorrer do século, será necessário explorar com o aluno o que ele entende por clima.

Em conclusão, podemos adiantar que as ideias prévias são, para os professores, o ponto de partida para um novo conteúdo, quando se pretender que o aluno elabore um processo significativo de ensino aprendizagem.

1.4.As TIC no curriculum

Criada nos anos 90 para troca de informação entre os cientistas do CERN (Conceil Européen pour la Reserche Nucléaire) a World Wide Web tem sofrido um crescimento exponencial, e é hoje uma “*gigante teia de informação com cobertura mundial*” (Carvalho: 2004, p. 235) pondo-nos à distância de um clique na miríade temática.

E, perante esta vaga de informação amplamente disseminada na sociedade, onde quase toda a população detém computador com acesso à Internet, entre outros meios digitais (23% em Portugal segundo dados do Eurostat de 2009), cumpre à escola atualizar-se e fazer deles um aliado no processo de formação dos seus alunos.

O aparecimento do livro digital (*e-books*) encerra uma das grandes dádivas da tecnologia para a Educação, vindo possibilitar o acesso e partilha de obras ao alcance de todos e sem custos. Possível através de qualquer computador ou telemóvel com ou sem acesso à Internet, em qualquer lugar e à distância de um clique. Perante este e outros avanços o papel da escola deve ser o de mediador e facilitador da utilização das TIC ao dispor do processo de ensino-aprendizagem, e nunca o de repressor da mesma.

Não obstante esta entrada em cena das TIC nas escolas depara-se com duas dificuldades: 1) a falta de equipamentos nas escolas e 2) a falta de vontade por parte dos agentes educativos em utiliza-las.

Precisamente no sentido de extinguir a primeira dessas dificuldades, Portugal deu largos passos com o “Plano Tecnológico – Portugal a Inovar”, segundo o qual todas as escolas públicas do país deveriam estar ligadas à Internet Banda Larga e onde cada aluno deveria possuir um computador pessoal. No que concerne à segunda dificuldade compete às Universidades apostar na formação dos novos professores e, aos que já estão formados, atualizarem-se e investirem na sua formação em Mestrados como o que deu origem a este estudo. Pois só assim será possível um ensino-aprendizagem com significado.

1.5. TIC – ferramentas motivacionais

A integração dos serviços da Internet nas práticas letivas com um propósito definido de carácter disciplinar e transdisciplinar pode proporcionar um enriquecimento temático, social e digital para os agentes envolvidos.

A. Carvalho, 2007, p. 26

Na atualidade, onde os alunos têm que permanecer 12 anos no ensino, impõe-se práticas de ensino-aprendizagem motivacionais, que permitam aos alunos manterem-se ativos no ensino e obter sucesso escolar. Para tal os professores têm à sua disposição as valências e potencialidades das escolas e o recurso às TIC, como meios incontornáveis para uma escola de sucesso. Neste sentido, o recurso às TIC, em especial às WebQuest, é uma excelente forma de captar a atenção dos alunos, bem como de os motivar para temáticas que à partida não lhes pareçam tao apelativas.

1.6.A aprendizagem da História e da Geografia aliada às Novas Tecnologias

Segundo Carla Moreira (MOREIRA, 2011, p. 16) um bom entendimento do mundo atual passa, obrigatoriamente, por uma boa educação e por uma boa educação histórica e geográfica. Capaz de dotar a pessoa de competências que lhe permitam fazer face às necessidades de uma sociedade exigente, cada vez mais exigente, como aquela em que se insere. Como tal a escola deve estar consciente da realidade que envolve os seus alunos, para com estes desenvolver um trabalho significativo. E ao professor compete adaptar o currículo e o processo de ensino e aprendizagem consoante as características dos seus alunos, tendo sempre presente que a diversidade e a heterogeneidade marcam fortemente as atuais comunidades educativas.

Até há bem pouco tempo falávamos da educação por competências, ou seja, o conhecimento continuava a ser importante mas o ênfase recaía sobre a sua mobilização perante uma determinada situação problema. O professor assumia-se como orientador do processo de ensino e aprendizagem e o aluno beneficiava de maior autonomia na realização das tarefas que lhe eram propostas. Face à interrogação do que se pode entender por competências, a autora citada afirma que segundo Perrenoud (cit. In MOREIRA: 2011, p. 16) *“não existe uma definição clara e partilhada de competências. A palavra tem muitos significados e ninguém pode pretender dar a definição”*, porém, poder-se-á avançar com uma aproximação de definição, entendendo-se as competências como um sistema de conhecimentos, segundo o qual o aluno resolve um problema básico ou complexo, selecionando quais os conhecimentos ou aprendizagens a mobilizar em diferentes áreas. Com esta pedagogia por competências valoriza-se,

portanto, o saber-saber, o saber-fazer e o saber-estar, isto é, valoriza-se o conhecimento científico, o conhecimento prático e a relação com os outros. E além da autonomia já referida, o aluno beneficia da capacidade de construir o seu próprio conhecimento. Pelo que no final do ensino básico deve ser capaz de corresponder às competências no campo de ação interdisciplinar - as competências transversais – e na área do saber de cada disciplina – as competências essenciais.

Segundo Carla Moreira e de acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico, a História permite ao aluno *“uma visão global e organizada de uma sociedade complexa, plural e que está em constante mudança”* (MOREIRA: 2011,p. 18). E, permitindo-lhe abrir os seus horizontes e perceber as interligações e as consequências que advêm dos atos e decisões, compete ao professor de História orientar os alunos na construção do seu saber histórico. Pois, citando a mesma autora *“o ensino da História é vital para o desenvolvimento do aluno enquanto pessoa, enquanto cidadão, enquanto ser competente e reflexivo”* (MOREIRA: 2011,p. 18). Sendo evidente que noções como cidadania, memória coletiva e atitude crítica tomam forma através desta disciplina. Não obstante, a autora levanta uma questão: como ensinar História? À qual responde defendendo que o ensino de História deve perder o carácter informativo, pela sucessão narrativa de datas, nomes e factos, para dar lugar a um carácter formativo, onde é ao aluno que compete manipular os dados, comparar, apreciar, formular hipóteses e procurar conclusões. Ou seja, dar lugar a um ensino que o ensine a pensar, a refletir. Para Maria Proença (cit. In MOREIRA: 2011,p. 20) o ensino da História tem quatro finalidades, a saber:

(1) a contribuição para a inserção do aluno na realidade social, política e cultural que o rodeia, (2) proporcionar a compreensão da relatividade e multiplicidade dos valores em diferentes tempos e espaços, (3) promover o desenvolvimento das capacidades de análise e síntese através duma abordagem científica da realidade e (4) assegurar uma melhor formação cívica visando a preparação para o exercício consciente da cidadania.

O que nos leva a afirmar que a História deve permitir ao aluno conhecer o passado, para perceber o presente e perspetivar o futuro, pois, só esta disciplina nos permite compreender a evolução da Humanidade. Neste sentido, o ensino da História tem muito

a beneficiar com a utilização das novas tecnologias, não só porque nos permite aceder mais rapidamente à informação, mas também porque permite, ao aluno, desenvolver todo um conjunto de competências. Desde logo, as que se relacionam com a procura, seleção e tratamento da informação.

No que diz respeito à Educação Geográfica, a utilização das novas tecnologias, não só é tarefa fácil como imprescindível. Como definida na Carta Internacional de Educação Geográfica (cit. In MOREIRA:2011, p.21) a Geografia é

a ciência que procura explicar as características dos lugares e a distribuição da população, dos fenómenos e acontecimentos que ocorrem e evoluem à superfície da Terra. A Geografia diz respeito às interações do Homem com o ambiente no contexto de lugares e localizações específicas.

Ou seja, a Geografia é uma forma, ou a forma, de preparar o “cidadão global” para um futuro em constante mudança. E, tal como a História, também a Geografia ajuda no desenvolvimento das competências transversais e no desenvolvimento daquelas que lhe são específicas, e que podemos agrupar da seguinte forma: competências relativas à localização, ao conhecimento dos lugares e regiões e ao dinamismo das inter-relações entre espaços. Segundo o Currículo Nacional para o Ensino Básico, o cidadão geograficamente competente é

aquele que possui o domínio das destrezas espaciais e que o demonstra ao ser capaz de visualizar espacialmente os factos, relacionando-os entre si, de descrever corretamente o meio em que vive ou trabalha, de elaborar um mapa mental desse meio, de utilizar mapas de escalas diversas, de compreender padrões espaciais e compará-los uns com os outros, de se orientar à superfície terrestre. Além destas destrezas espaciais é também aquele que é capaz de interpretar e analisar criticamente a informação geográfica e entender a relação entre a identidade territorial, cultural, patrimonial e individualidade regional (MOREIRA: 2011,p. 21).

Isto é, a Geografia promove o conhecimento das relações entre o Homem e o Meio. Para fazer face às mudanças da sociedade atual e, numa tentativa de transpor para dentro dos muros da escola a realidade dos alunos, esta instituição tem que adaptar e adotar as Novas Tecnologias. E o acesso à sociedade de informação e do conhecimento

é hoje um direito assegurado pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia. Sobretudo nas duas últimas décadas tem-se assistido à implementação de programas nas escolas que visam a introdução das TIC na Educação, para uso de professores e alunos. O que tem permitido que as TIC não sejam entendidas como uma disciplina em si isolada, mas antes como uma área multidisciplinar e/ou transversal a todas as outras disciplinas e a todos os níveis de ensino. Não obstante, como vimos, a introdução das TIC na educação depara-se com problemas essenciais. Se por um lado temos a falta de condições de acesso, pois os programas implementados têm contribuído muito para a implementação destes meios, mas são ainda muitas as escolas cujos meios informáticos são escassos e obsoletos. Pelo outro, deparámo-nos com falta de formação ou disposição dos professores. Muitos são aqueles que se mostram avessos ao uso das TIC no processo de ensino-aprendizagem, ou que, simplesmente, não têm formação para uma correta utilização e/ou exploração destes novos recursos. Pois como sugere António Nóvoa (1991) não chega por o aluno em frente a um computador, é preciso fornecer-lhe bases teóricas para que este faça um uso correto dos meios informáticos. É preciso que o professor desenvolva atividades que vão para além do ligar ou desligar um computador, que fomentem a pesquisa, a reflexão, a construção do conhecimento.

É imperativo reduzir o desfasamento entre a atual sociedade de informação e comunicação e as suas ferramentas tecnológicas amplamente disseminadas e a escola, onde ainda assistimos ao predomínio das metodologias tradicionais e magistrais. É urgente que a escola se aproprie das ferramentas tecnológicas ao dispor da sociedade, obrigando a uma revisão das estratégias, metodologias e atividades, inerentes ao modo como os professores ensinam e os alunos aprendem. O que obrigará, certamente, à adoção de metodologias mais ativas e de orientação construtivista, que permitam ao aluno dispor de maior autonomia e criatividade, e ao professor assumir-se como orientador ou facilitador nesse processo.

Nesta sociedade de caráter tecnológico e globalizante, o conhecimento do mundo que nos rodeia é cada vez mais imprescindível, e a História e a Geografia são fundamentais para nos dotar das ferramentas necessárias para essa compreensão espacial. E têm hoje ao seu dispor todo um manancial de meios informáticos que facilitam e otimizam o seu trabalho, queiram agora os professores e as escolas servirem-se deles.

1.7.As WebQuest no meio educativo

Os uso das TIC em meio educativo torna-se agora um ditame, pois são ferramentas de trabalho muito aliciantes para os alunos, na medida em que lhes permite trabalhar/aprender através de algo com que normalmente “brincam”: o computador. Nesta investigação realçamos, em particular, o uso da WebQuest, uma ferramenta que tem vindo a ganhar grande importância na Web e no meio educativo e que permite aos alunos a execução de aprendizagens significativas. Na medida em que os professores elaboram e/ou usam WebQuest bem estruturadas, com um propósito e com tarefas a serem realizadas pelos alunos. Pois, o objetivo último desta ferramenta é a construção do conhecimento por parte do aluno uma vez que, segundo o seu mentor, as WebQuest são uma atividade investigativa, sendo que uma parte ou toda a informação está online. (Dogge, cit in <http://WebQuest.sp.senac.br>).

1.8. As WebQuest: o que são

Segundo Bernie Dogde e Tom March, a WebQuest é uma investigação orientada onde toda ou parte da informação, com que os alunos interagem é proveniente da Internet (DODGE, 1995). Esta metodologia permite, desde logo, uma utilização da Internet voltada para o processo educacional e proporciona a pesquisa, a aprendizagem colaborativa, na medida em que são maioritariamente tarefas a realizar em grupos de trabalho, o pensamento crítico, ao apelar ao tratamento e processamento da informação recolhida e a aprendizagem significativa, pela necessidade de aceder, entender e analisar a informação, de forma a dar resposta a um problema/questão-chave. No fundo, estas são uma forma de tornar possível e efetivo o uso da Internet em meio educativo, o que permite ao professor implementar metodologias de ensino e aprendizagem sintonizadas com os tempos atuais, onde a Internet faz parte do dia-a-dia dos nossos alunos, essencialmente fora das escolas.

Normalmente criada pelos professores para uso com os alunos que leciona, esta ferramenta destina-se à exploração de uma temática, onde o aluno tem à sua disposição um conjunto de fontes ou locais (sites ou homepages) sugeridos pelo professor de forma a que os alunos resolvam o problema-chave sem dispersarem a sua atenção para outras fontes. Na execução deste tipo de tarefas o professor assume o papel de orientador e supervisor, pois previamente estruturou toda a tarefa. Uma das muitas vantagens desta ferramenta é o facto de se poder realizar com diferentes níveis de escolaridade e em todas as áreas disciplinares.

1.9.Como se estruturam as WebQuest

As WebQuest construídas para esta investigação enquadram-se, segundo Bernie Dodge (1995), no tipo de curta duração, onde é esperado que os alunos integrem um volume reduzido de conhecimentos. E obedecem à estrutura padrão, sendo compostas por alguns elementos fundamentais, a saber:

1. Introdução – onde se apresenta o tema, normalmente, através de um texto desafiante;
2. Tarefa – é aqui que o aluno fica a perceber em que consiste a tarefa, qual o resultado a produzir e onde encontra algumas ferramentas de resolução; esta deve ser exequível, tanto pelo tempo disponível como pela maturidade dos alunos;
3. Processo – nesta fase é apresentado aos alunos o percurso a percorrer para realizar a tarefa com sucesso; este deve estar dividido em passos, para que os alunos não se percam;
4. Avaliação – dependendo da proposta, esta pode ser individual ou coletiva. Normalmente são disponibilizadas grelhas de registo aos alunos.
5. Recursos – é nesta página que os alunos encontram toda a informação que lhes permitirá a resolução da tarefa, sendo-lhes facultadas links para sites ou homepages. Estes devem estar “catalogados” consoante a informação que os alunos devem procurar para evitar desvios de atenção;

6. Ajuda – esta página serve como um apoio à resolução da tarefa, possuindo pequenas pistas que permitam ao aluno a boa execução da mesma.
7. Conclusão – normalmente funciona como um “fecho” da aventura e como rampa de lançamento para outras, na medida em que, contém outras questões chave relacionadas com a temática que permitirão ao aluno refinar ou consolidar a mesma.

Durante a realização da tarefa o aluno deve estar devidamente esclarecido da forma como irá produzir o resultado final e qual o destino desse resultado (publicação no jornal da escola, na Web etc.)

Para uma realização mais empenhada, recomenda-se que os alunos sejam levados a desempenhar diferentes papéis, isto é, dependendo do tema a tratar podem encarnar jornalistas, detetives, cientistas etc.

Metodologia do estudo

Capítulo 2. Metodologia do estudo

2.1.Contexto de investigação

Este projeto de intervenção pedagógica supervisionado surge no âmbito do ciclo de estudos conducente ao Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, pelo que foi implementado na disciplina de História e Geografia.

Todo o processo de planificação de aulas foi norteado pela introdução de WebQuest como atividade promotora de desenvolvimento de competências nos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico, mais concretamente numa turma do 9º ano de escolaridade de uma escola da cidade de Braga. Sendo este o resultado de um conjunto de reuniões com as orientadoras cooperantes e Supervisora ocorrido durante todo o ano letivo. Foram desenvolvidas duas WebQuest a aplicar nas duas disciplinas, os conteúdos a serem lecionados respeitaram o plano curricular para o 9º ano de escolaridade, o que ditou os conteúdos contemplados em ambas as atividades.

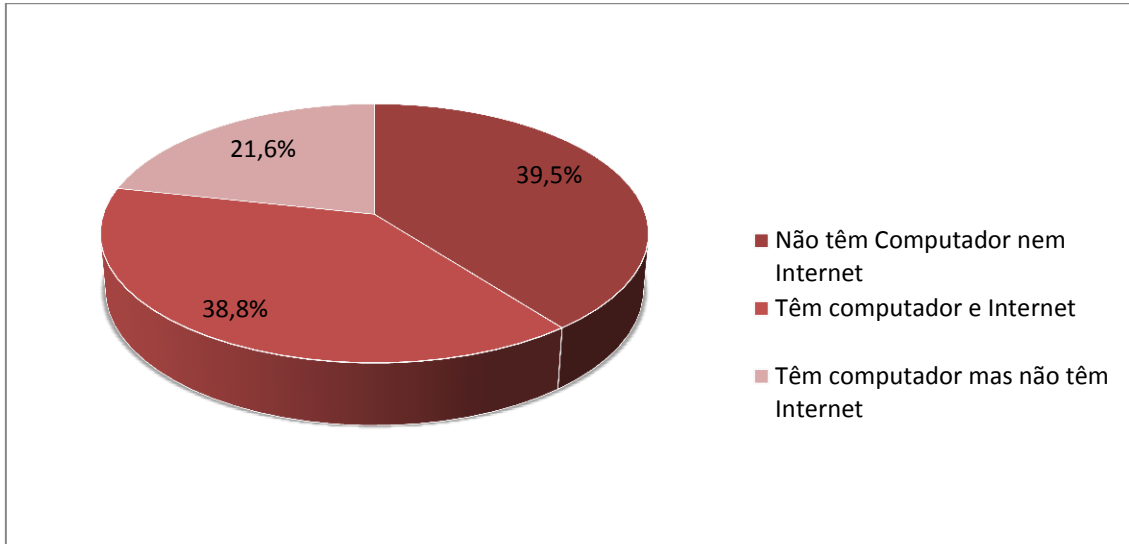
O objetivo primário deste estudo era perceber qual o contributo do recurso a WebQuest na promoção de competências nos alunos do 9º ano de escolaridade nas disciplinas de História e de Geografia, logo, todos os instrumentos desenvolvidos para a recolha e posterior análise do desempenho dos alunos, foram orientados para esse fim.

2.2.População e amostra participante

A escola onde foi implementado o presente estudo sofreu, desde 2001, uma reorganização da rede escolar que só terminou em Julho de 2003, sendo atualmente composta por mais quatro escolas com 1º ciclo, das quais três contam com jardim-de-infância. Segundo o Relatório de Avaliação Externa (IGD:2008) o Agrupamento prima pela estabilidade dos Recursos Humanos que apresenta, pois tanto o pessoal docente como o não docente, na sua grande maioria, estão a contrato sem termo, e contam já, muitos deles, com mais de vinte anos de serviço no mesmo agrupamento.

Ao nível da utilização dos meios informáticos, e com base no mesmo Relatório, foi-nos possível perceber que dos 2447 alunos do Agrupamento, cerca de metade possuía computador em casa e desses, apenas 21,6% não tinha acesso à Internet (ver gráfico 1.).

Gráfico 1. Utilização dos meios informáticos dos alunos do agrupamento



Fonte: Relatório de Avaliação Externa, IGD, 2008.

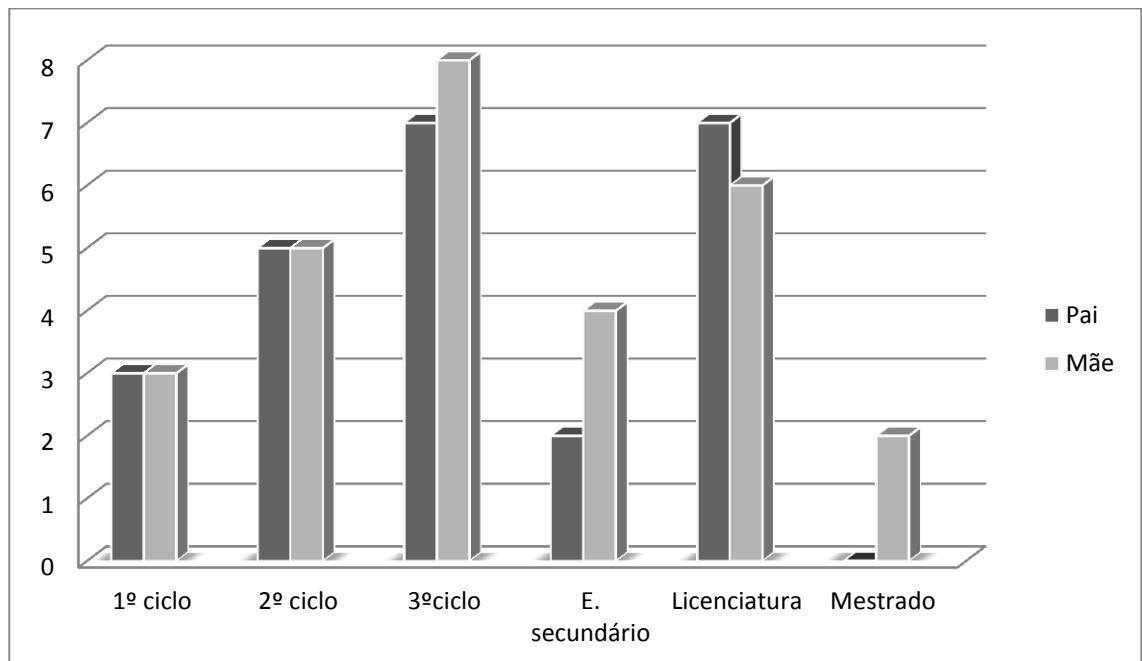
A escola onde foi implementado o projeto de intervenção é a Escola Sede do Agrupamento e tinha 763 alunos. Contava com umas instalações bastante degradadas, não esqueçamos que foi inaugurada há cerca de quatro décadas e as poucas obras de melhoramento a que foi sujeita desde então não se mostraram suficientes para melhorar as condições da mesma. As salas de aulas mais penalizadas eram as do 3ºciclo, sendo que nalgumas delas chovia e com a humidade era impossível ter qualquer aparelho ligado à corrente. Esta situação votava os alunos muitas vezes à escuridão, ao frio e à impossibilidade de utilizar os meios informáticos. Recentemente foi inaugurada a biblioteca da escola, um espaço moderno e apelativo que oferece aos alunos inúmeras oportunidades de estudo e leitura.

A escola prima pela diversificada oferta educativa e de atividades complementares, que vão desde atividades desportivas a clubes de culinária.

A turma com quem trabalhamos era do 3º ciclo, 9º ano mais concretamente, e contava com 28 alunos, 15 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. Os discentes tinham idades compreendidas entre os 14 e 15 anos. Um aluno era repetente, um era estrangeiro (romeno) e uma aluna tinha adaptações curriculares devido a dislexia. No que diz respeito ao aproveitamento escolar, era uma turma mediana, muito participativa e que mostrava muito interesse pelas disciplinas de História (5 alunos afirmaram ser a sua disciplina preferida, e apenas 2 alegaram ter nessa disciplina maiores dificuldades) e Geografia (4 alunos tinham-na como disciplina predileta e outros tantos afirmaram sentir mais dificuldades em Geografia). Revelaram ser alunos empenhados, com conhecimentos de cultura geral aprofundados e lidavam muito bem com a definição de conceitos à primeira vista complicados para eles.

No que concerne aos Encarregados de Educação destes alunos, e como se apresenta no gráfico 2, foi-nos possível constatar que predominava a escolaridade ao nível do 3º ciclo, 7 pais e 8 mães respetivamente, seguida da licenciatura, 7 pais e 6 mães possuem formação superior. Cinco dos Encarregados de Educação encontram-se em situação de desemprego.

Gráfico 2. Habilitações dos pais dos alunos



Fonte: Projeto Curricular de Turma.

2.3. Apresentação e descrição do estudo

“ A mudança é uma estratégia de sobrevivência (...) e o campo educativo não escapa, obviamente, a esta urgência de mudança ”

(Matos, 1996, p:73)

Como já foi referido estamos inseridos numa era informatizada e torna-se premente que as escolas, em particular os professores, sejam capazes de tornar as suas práticas, as metodologias de ensino, tão aliciantes quanto as imensas atividades que os alunos têm ao seu dispor fora de portas, pois só assim conseguem motivar os alunos a permanecer no ensino e, sobretudo, a terem sucesso no ensino. Isto torna imperativo o recurso às TIC em meio escolar, não entendido como substituto das metodologias tradicionais, mas antes como um trunfo aliado a essas metodologias. Precisamente por sentir essa necessidade de mudança, de inovação, optamos por implementar um projeto que nos possibilitasse recorrer às TIC para desenvolver uma aprendizagem significativa. Para tal, foram criadas duas WebQuest a serem elaboradas pelos alunos nas disciplinas de História e de Geografia.

Pelo tempo escasso que nos foi disponibilizado, estas atividades não puderam ser tão demoradas e esmiuçadas como era desejado, acabando por se circunscrever a um período de um bloco e meio (90 minutos mais 45) cada uma. Dada a limitação de tempo, as WebQuest criadas respeitaram a estrutura de curta duração, visando a aprendizagem de um volume de conhecimentos mais reduzido, ou, se quisermos, mais específico. Para ambas as disciplinas a estrutura da tarefa bem como a forma de implementação e realização foram semelhantes. Em ambas, os alunos começariam por realizar o levantamento das ideias prévias, seguindo-se um breve momento de contextualização da parte do professor. Durante a realização da WebQuest este assumiria-se como orientadora do processo, esclarecendo apenas alguns momentos da tarefa, pois o objetivo era, efetivamente, o de serem os alunos a construir o seu conhecimento. O produto final foi a redação de uma resposta síntese, para publicar no almanaque da escola. Pelo conteúdo a ser desenvolvido em cada uma das atividades (a Revolução do 25 de Abril em História e a Desflorestação em Geografia) foi agendada

uma visita ao Regimento de Cavalaria nº 6 de Braga, onde os alunos poderiam visitar e dar um passeio pelo mesmo quartel nas viaturas (chaimites) que participaram no 25 de Abril. Bem como, plantar árvores nos jardins do quartel. Por falta de tempo, uma vez que os discentes estavam a ser seguidos em aulas de apoio ao estudo para se prepararem para os exames, foi-nos impossível obter autorização da escola para realizar a visita. Ficando a proposta em aberto para futuras atividades. O quadro que se segue apresenta os vários momentos da aula da implementação do projeto, metodologia esta que foi adotada nas duas disciplinas.

Quadro 1. Metodologia da Intervenção (por momentos da aula)

Momento 1. Levantamento das ideias prévias dos alunos

Momento 2. Contextualização do conteúdo a lecionar

Momento 3. Realização da WebQuest

Momento 4. Avaliação do trabalho de grupo

Momento 5. Ficha de metacognição

2.4. Levantamento de dados

2.4.1. Nota prévia

Depois de uma breve contextualização à luz da literatura sobre o tema em questão, foi-nos possível concluir que o atual profissional de educação tem que deter uma postura auto reflexiva e crítica quanto à sua prática pedagógica, o que o impele a ir além da mera planificação das suas aulas, ainda que de modo sustentado, para passar a delinear metas claras e atingíveis e promover uma análise sistemática do conhecimento construído pelos alunos, atendendo sempre à necessidade de adequar ou alterar as suas estratégias pedagógicas em função das necessidades de cada indivíduo.

2.5. Apresentação dos Instrumentos de recolha de dados

Para recolher os dados necessários à análise do desempenho dos alunos utilizamos diversos instrumentos (que apresentamos em anexo) que, depois de preenchidos pelos alunos, foram alvo de uma atenta análise da nossa parte. A saber:

- 🌿 Ficha de Literacia Informática;
- 🌿 Ficha de levantamento das ideias prévias;
- 🌿 Tarefa da WebQuest (narrativa histórica e relatório geográfico);
- 🌿 Ficha de avaliação do trabalho de grupo;
- 🌿 Ficha de Metacognição.

Análise e discussão dos dados

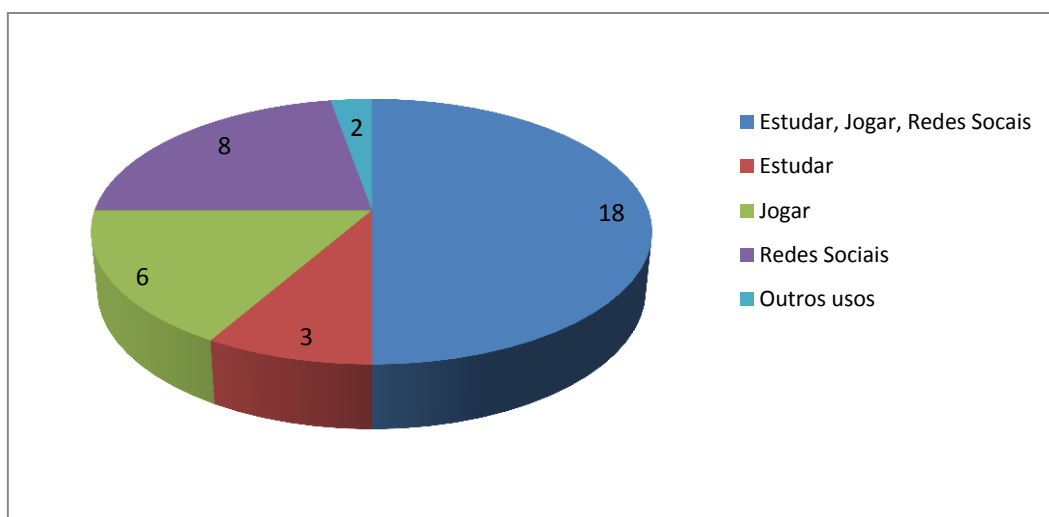
Capítulo 3. Análise e discussão dos dados

3.1. Literacia Informática

A primeira tarefa a ser realizada foi o levantamento de alguns dados relativos à literacia informática dos alunos, para aferir da pertinência de um projeto cujo pano de fundo é o computador e a Internet. Pois seria inviável aplicar este projeto junto de alunos para quem o recurso a um computador e à Internet fosse algo pouco recorrente. Esta ficha foi transversal às duas disciplinas em estudo, uma vez que a turma seria a mesma nas duas áreas disciplinares.

O feedback foi bastante positivo, os 27 alunos com quem iríamos trabalhar possuíam computador, 23 dos quais portátil. Apenas 4 alunos tinham computador fixo e um deles tinha ambos. Positivo foi também, perceber que os 27 alunos tinham acesso à Internet a partir de casa. Relativamente ao uso que os alunos faziam desse acesso atentemos no gráfico 3.

Gráfico 3. Uso que os alunos fazem da Internet



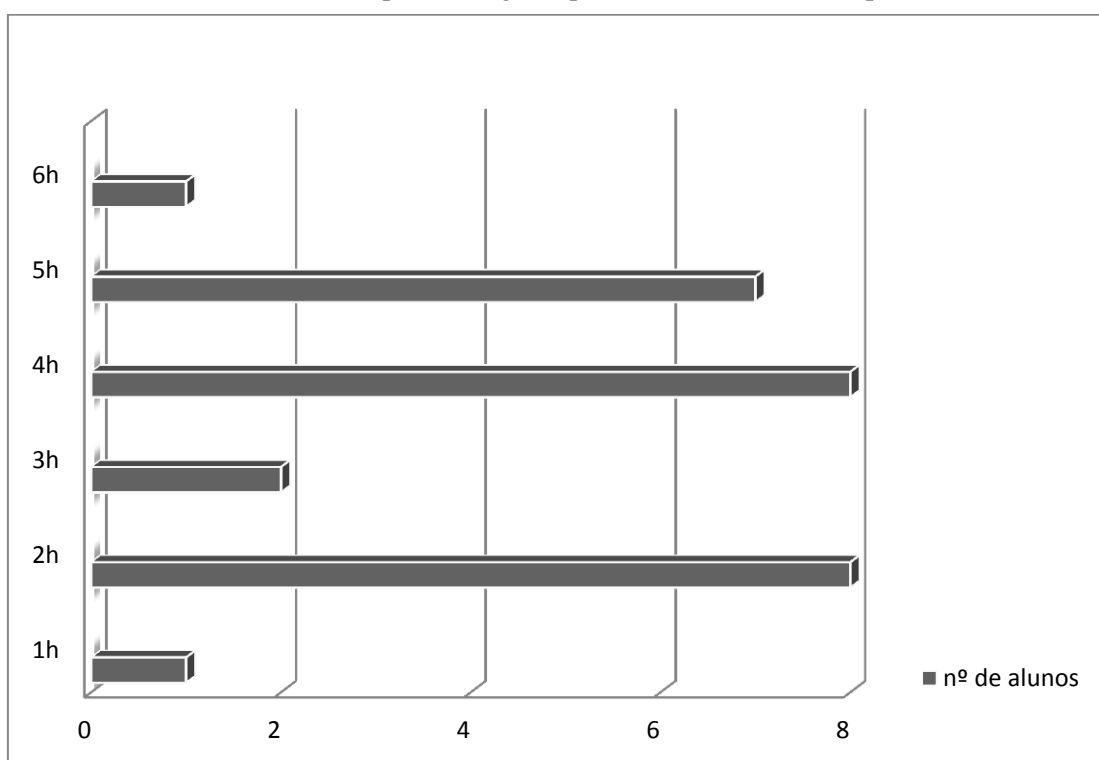
Fonte: Elaboração própria

Constatamos que 18 alunos acediam à Internet para estudar, jogar, e consultar as redes sociais, os restantes usavam a web para estudar (3 alunos), para jogar (6) e para

consultar as redes sociais (8 alunos), apenas dois alunos afirmaram fazer outro tipo de uso, nomeadamente, para consultar notícias, assistir programas online e ler livros online.

No que concerne ao tempo médio diário gasto na Internet e como podemos perceber no gráfico 4, a maioria dos alunos passavam entre duas a cinco horas online sendo que apenas um aluno passava menos de duas horas (uma hora e meia mais precisamente) e um outro passava acima das 5 horas diárias.

Gráfico 4. Tempo médio gasto pelos alunos na Internet (por dia).



Fonte: Elaboração própria.

Esta ficha permitiu-nos, pois, perceber a relação de proximidade que os alunos tinham para com as TIC, o que tornou possível desenvolver um projeto com recurso às suas ferramentas dentro de portas bem como perceber que ter computador tornou-se já

uma prática bastante disseminada para pais e alunos, o que justifica, ainda mais, a sua utilização como ferramenta de estudo.

3.2. A implementação do Projeto: realização de uma WebQuest

3.2.1. A WebQuest em História

Imagem 1. Imagem da WebQuest criada para a História (anexo 14)



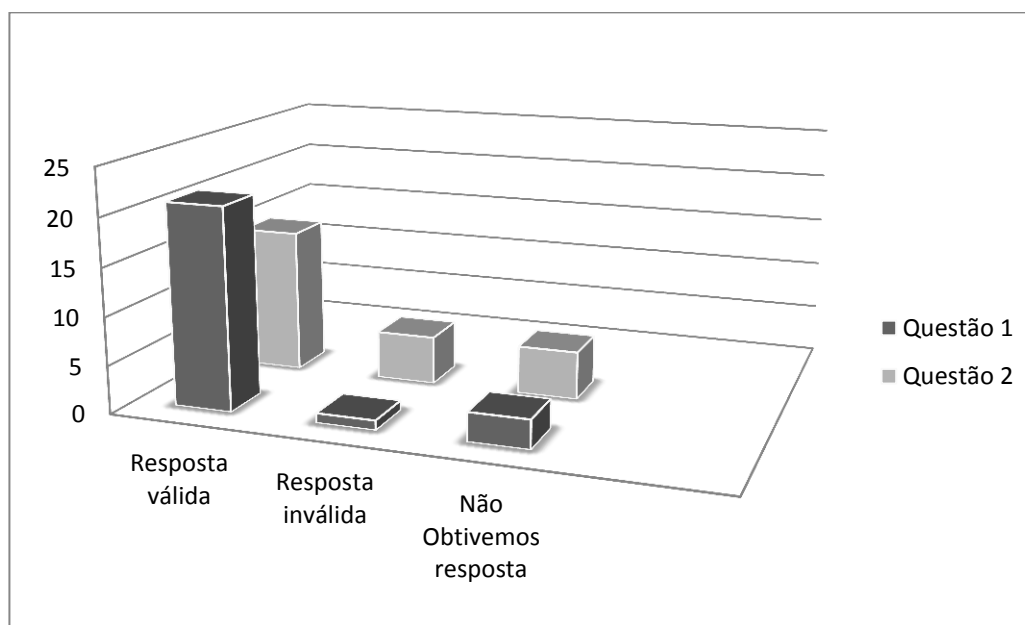
Para a implementação do projeto desenvolvemos uma WebQuest (atualmente alojada no endereço <https://sites.google.com/site/revolucaodoscavos9b/>). A construção da mesma obedeceu às normas de Bernie Dodge (1995) e era composta por homepages. O objetivo da atividade era que os alunos compreendessem quais os fatores que determinaram a Revolução do 25 de Abril e quais as transformações vivenciadas pelo país com essa revolução. O resultado final deveria ser apresentado numa resposta síntese (sem exceder uma página em Word). Esta tarefa foi realizada em pares (cada par tinha disponível um computador com acesso à Internet) e contou com 90 minutos de duração (anexo 3). Como o trabalho teria que ser realizado em pequeno grupo, cada

aluno, individualmente, teve que avaliar o desempenho do colega (anexo 5) atendendo a questões relativas ao desempenho, interesse, participação, organização e capacidade de síntese. Pois só assim, conseguiremos avaliar a funcionalidade deste tipo de tarefas realizadas em pares. Diante da análise empreendida, foi-nos possível constatar que todos os alunos deram uma avaliação de satisfatória a muito boa aos colegas, atestando a sua preferência pelo trabalho colaborativo.

No final da aula – depois de entregue a resposta e feita a avaliação de pares – os alunos tiveram acesso a um esquema-síntese de todo o tema abordado (anexo 7), de forma a consolidar os conhecimentos adquiridos através da sua análise.

3.2. 2. Levantamento das Ideias Prévias dos alunos

Para o levantamento das ideias prévias dos alunos foi elaborada uma pequena ficha (Anexo 2), onde lhes era questionado o que percebiam por democratização e por descentralização do poder. Depois de analisadas essas fichas foi-nos possível perceber que à primeira questão apenas 3 alunos não conseguiram responder, de um total de 25 que participaram na realização da WebQuest, tendencialmente os que responderam conseguiram-se aproximar de uma definição válida do que se entende por democratização, sendo constantes respostas como *“é um processo onde se passa de um regime ditatorial para um regime democrático”*. No que respeita à segunda questão, sobre o que se entende por descentralização do poder, já se notou maior dificuldade por parte dos alunos, o que se pode justificar pela própria complexidade do conceito. Ainda assim, 20 alunos conseguiram responder à questão, adiantando entenderem a descentralização do poder *“como o facto do poder deixar de estar concentrado numa só pessoa, para ser distribuído por outros órgãos”*. O facto da maioria dos alunos conseguir responder à ficha foi positivo, no sentido que lhes permitiu elaborar a tarefa com algum conhecimento de causa e lhes permitiu fazer aquilo que é esperado: confrontar o que já sabem sobre um conteúdo com aquilo que irão aprender, pois só assim se dá construção do conhecimento.

Gráfico 5. Respostas dos alunos à ficha de levantamento das ideias prévias

Fonte: Elaboração própria

3.2.3. O resultado final: a resposta síntese

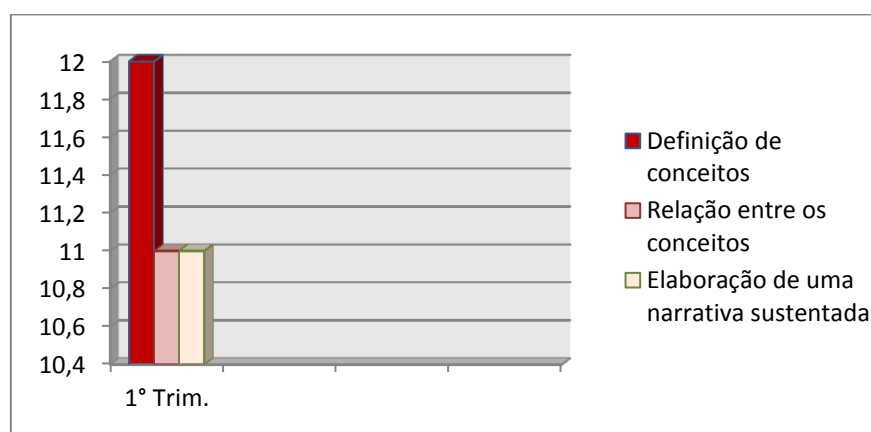
O objetivo que norteou este projeto era o de perceber se o recurso a este tipo de metodologias permitia a construção de conhecimento por parte dos alunos, como tal, seria fundamental analisar o resultado. Numa primeira análise, podemos adiantar que todos os grupos conseguiram terminar a tarefa no tempo estipulado e todos conseguiram concluí-la com sucesso.

Obtivemos, efetivamente, trabalhos muito pertinentes que nos permitiram perceber que os alunos conseguiram dar resposta às questões colocadas, assim como, responder ao que consideram ser viver em Democracia. Uma questão mais aberta que permite, em primeira instância, perceber se os alunos assimilaram o próprio conceito e as suas implicações. A essa questão foram apresentadas respostas como:

- *Para nós, viver em democracia é ter um conjunto de princípios e práticas que protegem a liberdade humana; é a institucionalização da liberdade;*
- *Viver em democracia: é um grande privilégio, pois podemos viver sem graves imposições como a censura e perseguição política, religiosa e social. Podemos escolher os nossos líderes políticos de forma livre e democrática, de acordo com os nossos ideais políticos sem sermos alvo de repressões brutais.*
- *Este resumo acerca da liberdade do nosso país, faz-nos repensar sobre a Democracia em que vivemos. Hoje em dia, temos a oportunidade de expressar a nossa opinião, o nosso país respeita os direitos humanos e isso faz de Portugal um país livre. Sem a democratização após o 25 de Abril, não teríamos esta liberdade.*

Respostas estas que validam a pertinência da implementação de WebQuest como um recurso motivador e facilitador da aprendizagem.

Gráfico 6. Análise das respostas síntese de História

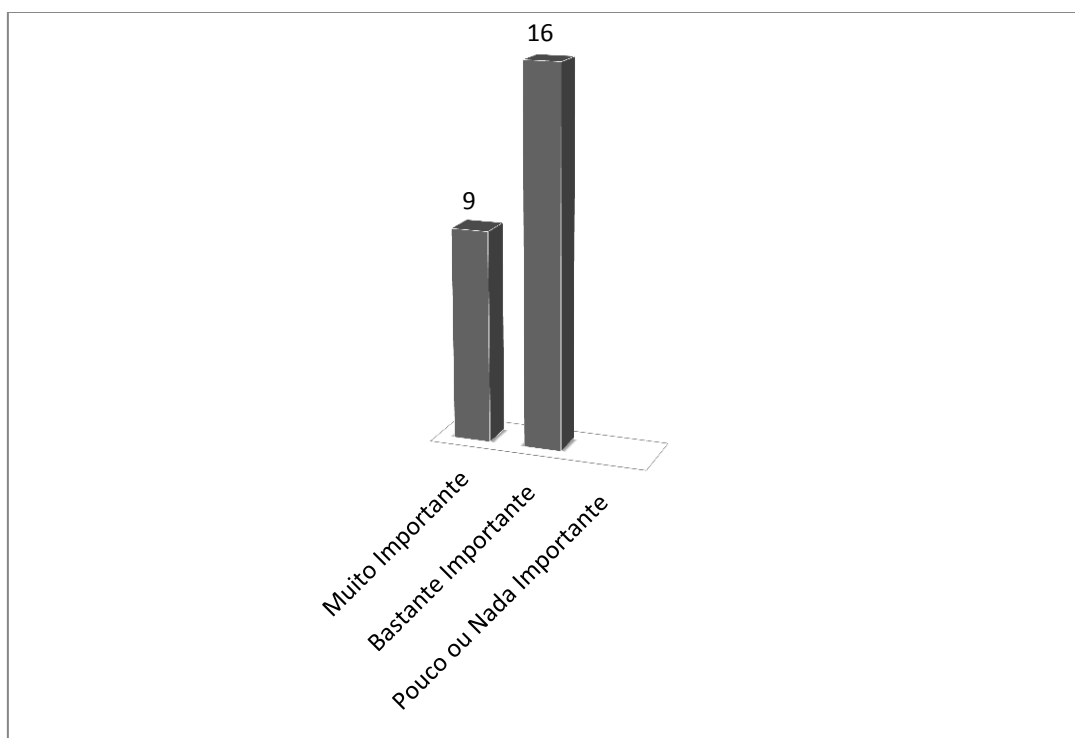


Fonte: Elaboração própria

3.2.4. A Metacognição

No sentido de averiguar se ocorrera mudança conceptual com a realização da atividade, e até para avaliar a pertinência desta implementação, foi solicitado aos alunos o preenchimento de uma ficha de metacognição (anexo 6). À primeira questão, sobre qual a importância da utilização deste tipo de metodologias na aprendizagem, os alunos foram unânimes ao afirmarem que consideram muito importante (9 alunos) e bastante importante (16), ficando claro que esta é, de facto, uma boa forma de promover a aprendizagem (Gráfico 7).

Gráfico 7. Importância da utilização da WebQuest na aprendizagem segundo a perspetiva dos alunos



Fonte: Elaboração própria

À segunda questão, onde eram impelidos a responder ao porquê de considerarem o uso desta metodologia importante surgiram respostas como:

- *“É uma forma diferente de aprendizagem e permite-nos abordar diversos assuntos e captar melhor a informação”;*
- *“Uma nova forma de interagir com os conhecimentos”;*
- *“Permite-nos aprender de forma mais divertida”;*
- *“Porque não são aulas teóricas, é uma forma mais ativa e obriga-nos a concentrar e não apenas a ouvir”.*

Estas respostas vêm consolidar a ideia de que o recurso às WebQuest permitem aprender através de uma nova experiência, mais apelativa e mais divertida para os alunos.

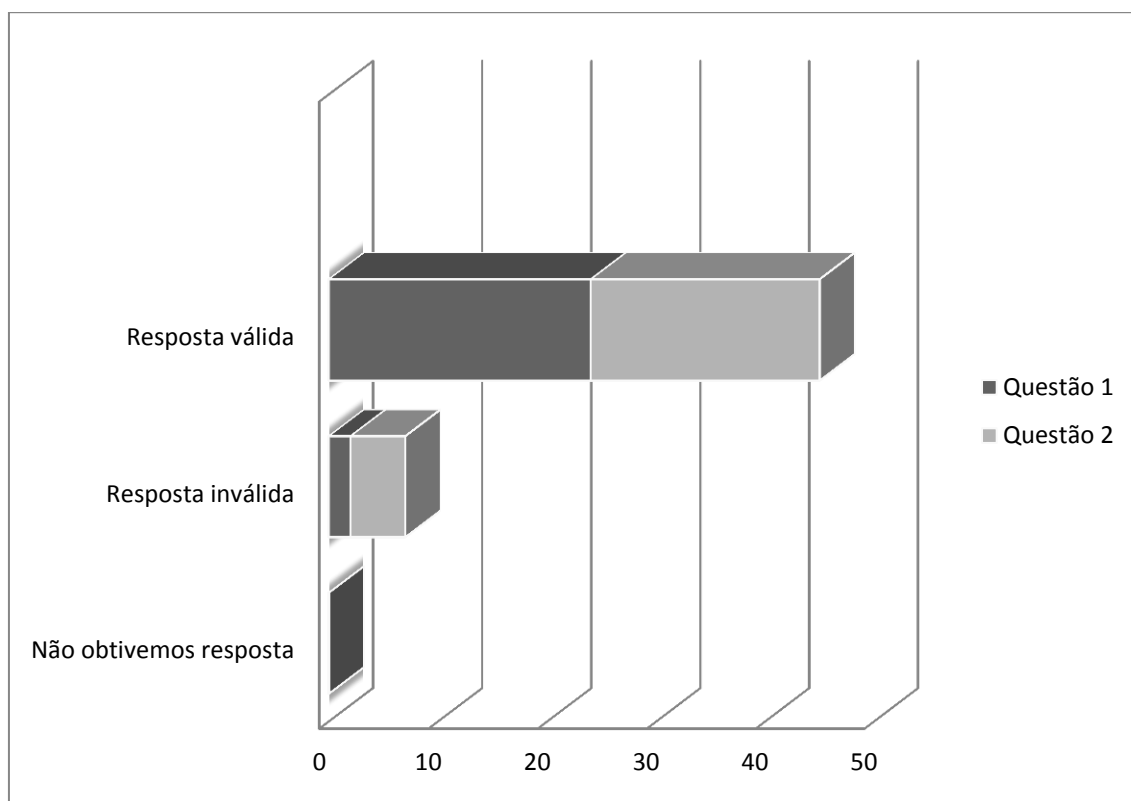
No que concerne à presença de dificuldades durante a realização do exercício, 21 alunos referem não ter tido qualquer dificuldade, ao passo que 4 sentiram dificuldade ao nível da organização do tempo e da seleção da informação.

Quanto às questões mais direcionadas para a aprendizagem da temática trabalhada, alguns alunos deram respostas vagas, pois ao serem questionados sobre o que consideraram ter aprendido sobre a recuperação da Democracia em Portugal (questão 1), obtivemos respostas como *“considero ter aprendido muito”* e *“considero ter aprendido muita coisa que não sabia”*. Não obstante, os alunos que perceberam a pergunta de forma mais clara deram respostas bastante elucidativas do que se pretendia, afirmando que Democracia *“é a passagem de um poder autoritário para um poder democrático”*, onde *“o povo tem o poder de votar e de expressar as suas ideias”*, ou então que *“foi um grande feito, pois antes as pessoas viviam reprimidas e não se podiam expressar, mas agora podem votar e ter liberdade de expressão”*.

Relativamente à questão sobre o que consideravam ter aprendido sobre a Descentralização do poder (questão 2), verificou-se a mesma tendência, obtendo-se, contudo, respostas como *“é a transferência dos poderes do chefe do governo para várias instituições”* ou *“o poder deixa de estar concentrado no Salazar para ser distribuído por outras pessoas ou grupos”*. Sobre a relação entre os dois conceitos a grande maioria dos alunos deu respostas como *“a descentralização ocorreu com a passagem a uma Democracia”*, ou *“ambas aconteceram com a revolução do 25 de Abril”*, parecendo claro para os alunos que uma é consequência da outra. As respostas

foram categorizadas como na ficha de levantamento das Ideias Prévias, como se apresenta no gráfico 8.

Gráfico 8. Respostas dos alunos às questões 1 e 2



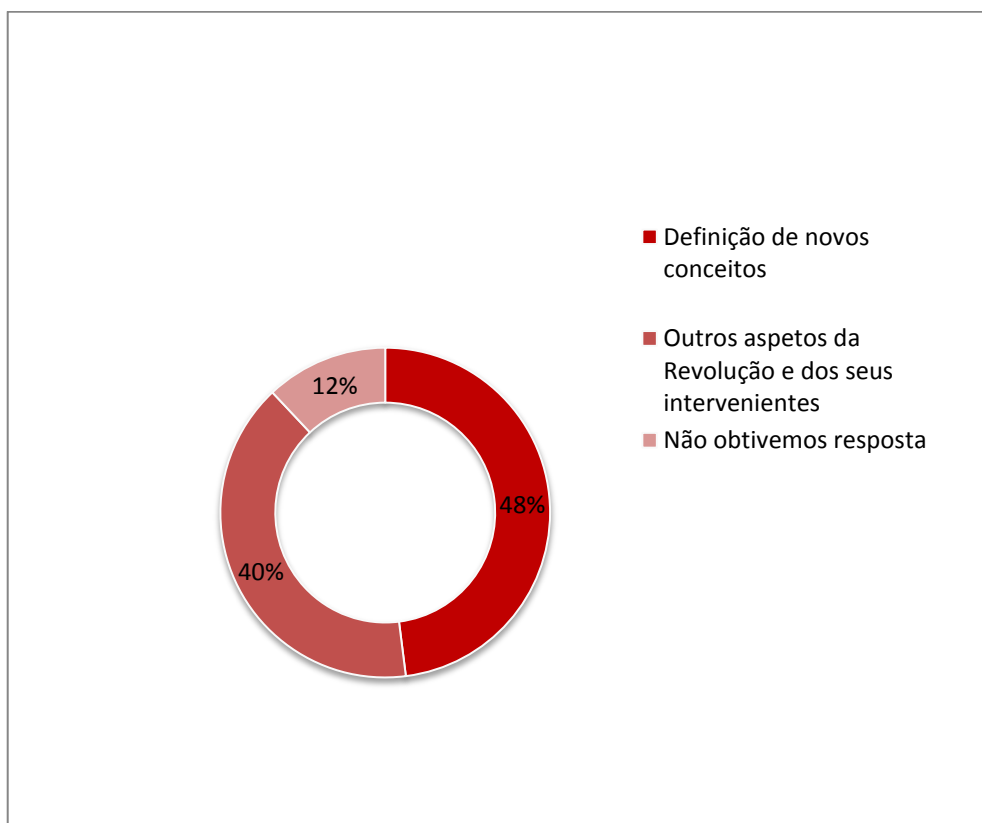
Fonte: Elaboração própria

Podemos constatar que à primeira questão 24 alunos apresentaram uma ideia válida, contra 2 alunos que não conseguiram perceber a pergunta, e, portanto, que não conseguiram apontar uma ideia válida ao que se entendia por Democracia. À segunda questão 21 alunos apresentaram uma resposta considerada válida e 5 apresentaram ideias inválidas sobre o que entendiam por Descentralização do poder.

Quando interrogados sobre que outros aspetos da História aprenderam no desenrolar da aula, 12 alunos referiram ter aprendido novos conceitos (descolonização,

retornados, guerra colonial, revolução etc.), 10 afirmam ter aprendido coisas como “*as vantagens da entrada de Portugal para a CEE*”, “*o verdadeiro significado da Revolução do 25 de Abril*” ou “*quem foram os capitães de Abril*”. Apenas 3 alunos não responderam a esta questão (gráfico 9).

Gráfico 9. Outros aspetos da História aprendidos durante o decorrer da aula



Fonte: Elaboração própria

Por fim foi-lhes colocada a questão (questão 4) “*O que mais gostarias de saber sobre estes assuntos*”, face ao que obtivemos respostas como gostaria de aprofundar mais sobre “*como seria viver na época de Salazar (enquanto criança, adolescente, homem ou mulher)*” ou “*saber mais pormenores do dia anterior à revolução e sobre o dia seguinte*”. A esta questão apenas 9 alunos mostraram vontade de aprofundar mais o

tema, outros 9 não responderam e 7 responderam não ter interesse de aprender mais nada sobre a temática abordada (gráfico 10).

Gráfico 10. O que mais gostariam de aprofundar sobre o tema



Fonte: Elaboração própria

Esta tendência de ausência de respostas, mais notória nas últimas questões, pode dever-se ao facto da ficha de metacognição ter sido distribuída dias depois da aula de implementação do projeto, o que talvez possa ter ditado o esquecimento de alguns alunos. Ainda assim, depois desta análise, fica a convicção de que o recurso à WebQuest é uma boa aposta na medida em que promove o interesse e participação dos alunos.

3.3.1. A WebQuest em Geografia

Imagem 2. Imagem da WebQuest criada para Geografia (anexo 15)



Para a implementação do projeto na disciplina de Geografia foi desenvolvida uma WebQuest sobre as Florestas (atualmente alojada em <https://sites.google.com/site/webquestflorestas9oano/>). Tal como decorreu em História, a aula de implementação do projeto teve início com o levantamento das ideias prévias dos alunos, seguindo-se um breve momento de contextualização por parte do professor (anexo 9) . Posteriormente foi explicado aos alunos em que consistia a tarefa e como a deveriam resolver. Pretendia-se que os alunos conseguissem recolher e tratar informação relativa à importância das florestas para o “bem-estar” ecológico do planeta, sobre as causas e consequências da desflorestação assim como sobre algumas medidas que pudessem travar este processo.

Mais uma vez optámos pelo trabalho em pequeno grupo e pelo recurso à avaliação entre pares (anexo 11) no que toca a aspetos como o desempenho, interesse, participação, organização e capacidade de síntese. Ao que os alunos apresentaram avaliações de satisfatória a muito boa, validando o seu interesse e preferência por trabalhos em grupo.

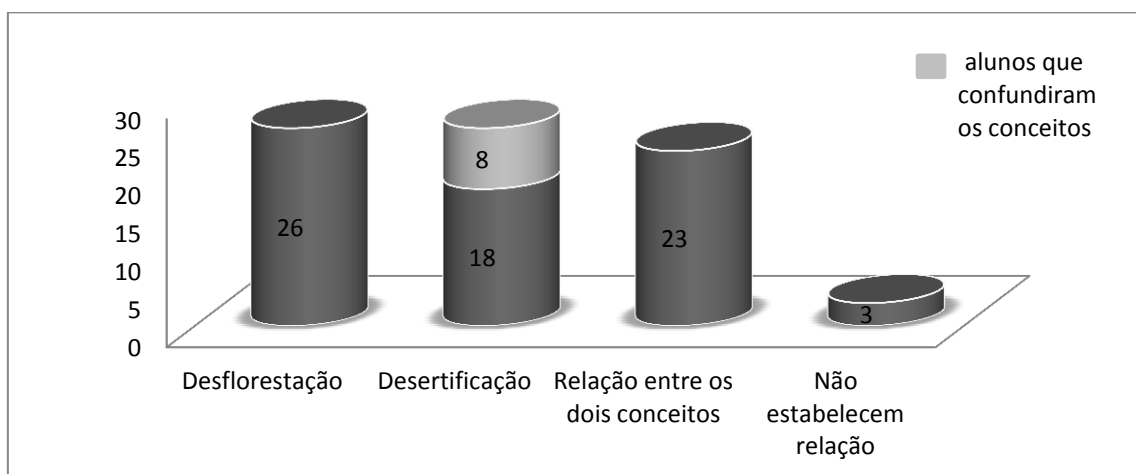
Numa aula de 45 minutos posterior à realização da atividade, e para uma sólida aprendizagem, foi-nos possível “elaborar” com a turma participante um esquema síntese do tema abordado (anexo 13), cujo resultado foi posteriormente distribuído por cada elemento.

3.3.2. Levantamento das Ideias prévias dos alunos

Para o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos foi distribuído um ¼ de folha (anexo 8), onde estes teriam que responder a três questões, a saber: 1) o que entendiam por desflorestação 2) o que entendiam por desertificação e 3) qual a relação que encontravam entre estes dois conceitos.

O gráfico 11, permitirá uma análise mais atenta no que diz respeito às respostas fornecidas pelos alunos durante este levantamento.

Gráfico 11. Respostas dos alunos ao levantamento das ideias prévias em Geografia



Fonte: Elaboração própria

Relativamente à primeira questão, foi notória a familiaridade dos discentes com o conceito. A totalidade dos alunos (os 26 que realizaram a tarefa) apontou definições precisas de que por desflorestação se entende o abate, corte e/ou destruição das florestas, dando respostas como *“é o abate de árvores”*, *“é a destruição das massas florestais praticada pela ação humana”* ou *“é o ato de destruir árvores e florestas, retirando o habitat natural a vários seres vivos, normalmente causado pelo Homem”*.

Já no que concerne à segunda questão, pareceu-nos ter existido alguma confusão com o conceito de desertificação e o conceito de êxodo rural (8 alunos confundiram o conceito), tendência que se pode perceber atendendo à elevada quantidade de notícias que vulgam nos jornais e na televisão que referem o fenómeno do abandono do interior como fenómeno de desertificação. Facto constatado com respostas como *“é o movimento de algumas pessoas de um local para o outro”* ou *“é o movimento das pessoas para fora da cidade”*. Ainda assim, 18 alunos apresentaram uma resposta válida definindo a desertificação como *“a degradação de terras devido a variações climáticas e à atividade humana”*, e *“fenómeno de destruição da flora e fauna (...) provocando solos secos e inférteis”*.

À terceira questão - a relação entre os dois conceitos - dos 26 alunos envolvidos na realização da atividade 23 conseguiram responder, adiantando que a desertificação é uma consequência da desflorestação, e apenas 3 não apontaram nenhuma resposta.

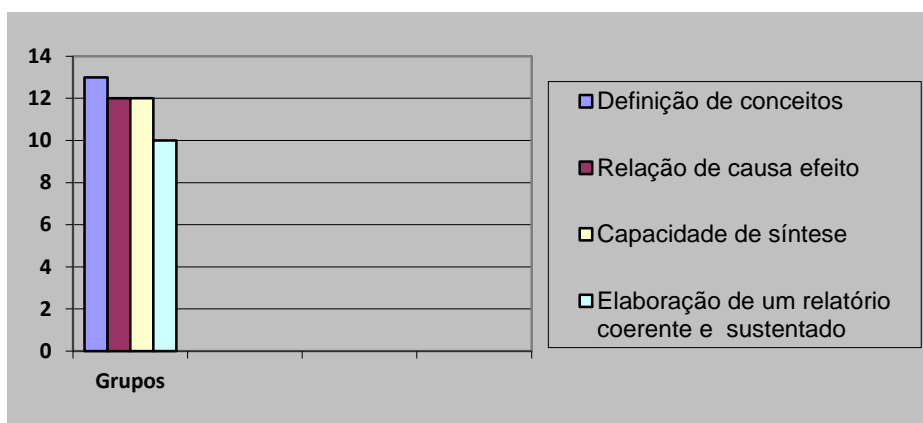
3.3.3. O resultado final: a resposta síntese em Geográfica

A tendência já observada na implementação da WebQuest em História manifesta-se, também, ao nível da Geografia. Isto é, a totalidade dos discentes realizou atempadamente a tarefa e todos conseguiram dar resposta às solicitações exigidas.

Imagem 2. Processo da WebQuest de Geografia (anexo 15)

Ao nível da organização das respostas, deparámo-nos com alguma diversificação, alguns alunos (10 grupos) redigiram o seu relatório dando resposta às questões pela ordem presente no processo e outros (3 grupos) foram mais originais e elaboraram o seu relatório com um pouco mais de “liberdade” na redação, não se limitando à simples pergunta resposta, mas elaborando um texto corrido, onde procuraram sintetizar a informação recolhida e incluir as respostas às questões, assim como incluir algumas imagens relacionadas com as temáticas abordadas.

As competências que se previam desenvolver, como pode ser constatado pelo plano de aula (anexo 9), eram a de problematizar as situações evidenciadas em trabalhos realizados, formulando conclusões e apresentando-as numa resposta síntese. Para a sua construção tinham que fazer uso da análise e problematização das inter-relações entre os fenómenos naturais e humanos evidenciados, formulando conclusões e utilizando o vocabulário geográfico. Ora este desenvolvimento foi claro na quase totalidade dos alunos, conseguiram definir com clareza os conceitos relacionados com a temática, assim como estabelecer relações de causa efeito entre eles. Clara foi, também, a capacidade dos alunos selecionarem e analisarem a informação para redigirem uma resposta síntese bem estruturada e sustentada. O gráfico 12 apresenta algumas variáveis consideradas para análise das respostas síntese dos alunos.

Gráfico 12. Análise das respostas síntese criadas pelos alunos em Geografia

Fonte: Elaboração própria

Como podemos perceber pelo gráfico, a totalidade dos grupos de trabalho conseguiu definir com clareza os conceitos relacionados com o tema em estudo e 12 grupos conseguiram apontar uma relação de causalidade entre esses mesmos conceitos. No que diz respeito à capacidade de síntese demonstrada pelos pares, foi notória em apenas 12 grupos e a construção de um trabalho coerente e sustentado foi conseguida por 10 dos grupos.

A última questão, tal como sucedido em História, é aquela que merece mais atenção da nossa parte, pois é sobretudo através dela que esperamos conseguir perceber a mudança concetual por parte dos alunos. Nela, pedia-se aos discentes que enumerassem algumas medidas que combatessem a desflorestação. O facto de os alunos conseguirem responder a esta questão ajuda-nos a perceber que assimilaram os conceitos de Desflorestação e Desertificação, pois algumas das medidas apontadas tendem a travar a Desertificação, que para eles, é uma consequência da Desflorestação. Atente-se em algumas dessas respostas:

- *Sabendo que a floresta é muito importante para o equilíbrio do ambiente, tem de ser preservada. A desflorestação tem causado preocupação em todo o Mundo e todos os dias torna-se necessário que cada pessoa tenha preocupações na conservação das florestas: prevenir os incêndios, promover a reflorestação, reabilitar as áreas florestais degradadas e recorrer à reciclagem (se os jornais,*

as revistas e os papéis usados forem reciclados menos árvores são derrubadas) são alguns pequenos passos que cada um de nós pode fazer; É importante haver uma gestão eficiente e controlada das florestas, com legislação protetora, como a que defende a criação de parques e reservas naturais.

- *Há várias coisas que podemos fazer individualmente para proteger as florestas, indo do simples ato de meter um papel que usamos no lixo a voluntariarmo-nos para limpar a nossa cidade. Podemos, ainda, reciclar em casa e ter cuidados especiais junto das florestas, tal como evitar fazer fogueiras e plantar árvores para diminuir a desertificação das áreas florestais.*

Em suma, podemos concluir que os alunos aprenderam o que era expectável, o que, uma vez mais, nos permite justificar a continuidade do uso deste tipo de recursos nas nossas aulas.

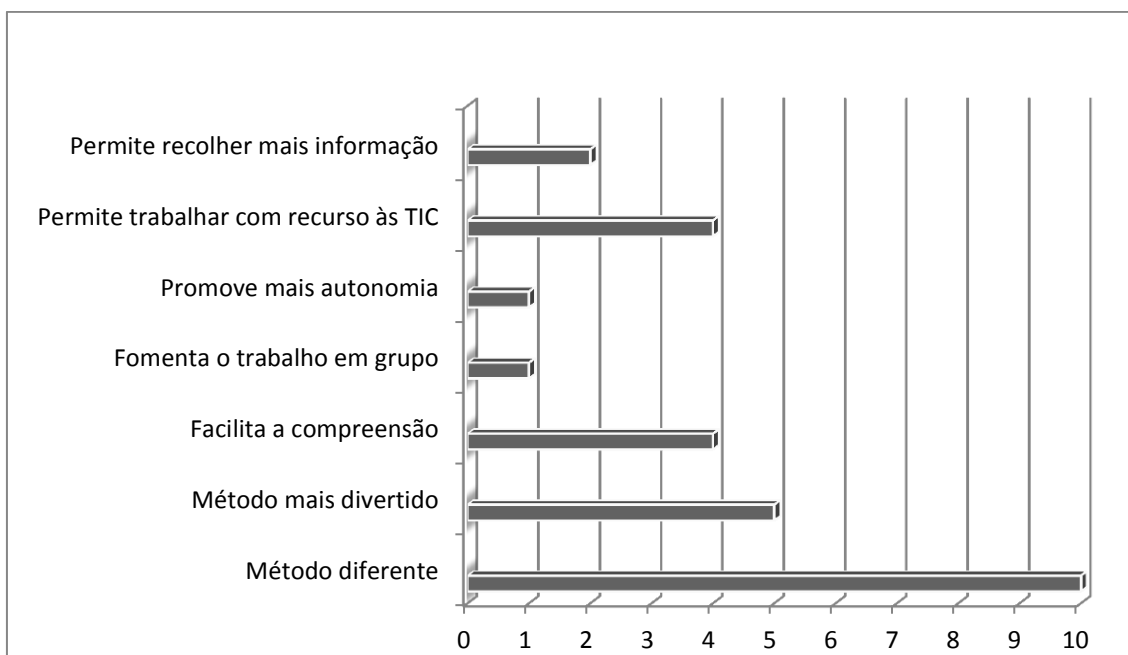
3.3.4. A metacognição

No que concerne às fichas de metacognição (anexo 12) recolhidas na disciplina de Geografia, verificámos a mesma tendência da disciplina de História, quando questionamos os alunos sobre a importância que atribuem à utilização de WebQuest no seu processo de formação. Dos 27 inquiridos, 9 afirmam considerar o recurso às WebQuest muito importante e 18 consideram bastante importante. Relativamente à presença de dificuldades no decorrer da atividade, apenas um aluno respondeu afirmativamente, alegando ter sentido dificuldades em resumir toda a informação encontrada.

Quando interrogados sobre os motivos pelos quais consideram importante o recurso a metodologias de ensino-aprendizagem como as WebQuest, os alunos apontam variadas situações, dando respostas como “*é uma forma de aprendermos a trabalhar melhor em grupo, utilizando as Novas Tecnologias com que já estamos familiarizados*”, “*porque é uma forma diferente e mais divertida de aprender*” ou ainda “*porque aprendemos de forma mais fácil, mais divertida e temos mais informação ao nosso*

dispor”. As respostas diversificadas mas positivas que encontramos apresentadas no gráfico 13 vêm sustentar a imutabilidade deste tipo de recursos nas nossas aulas.

Gráfico 13. Razão pela qual os alunos gostam do recurso à WebQuest



Fonte: Elaboração própria

Face à pergunta (1) “o que consideras ter aprendido sobre as Florestas?” foi positivo percebermos que os alunos foram além da mera definição de conceitos, apresentando esquemas de resposta mais elaborados e com noções de causalidade. Neste sentido recolhemos respostas onde foi clara a tomada de consciência da importância das Florestas para a biodiversidade, economia e produção de oxigénio, bem como da importância de salvaguardar os espaços verdes e combater os incêndios. Atentemos em algumas respostas:

- o “aprendi que as florestas são muito importantes para o bem estar do Planeta, pois são produtoras de oxigénio e nelas habitam muitas espécies”;
- o “aprendi que muitas florestas estão a ser destruídas pelo Homem e por causas naturais e que temos que as proteger para o bem de todos”;

o *“as florestas são essenciais para a vida do planeta e devemos tomar medidas para as proteger”*.

Foi-nos também possível observar esta tendência no que respeita às questões posteriores. Quando perguntados sobre o que consideraram ter aprendido sobre a Desflorestação (questão 2), a maioria dos alunos aponta respostas mais sustentadas, referindo causas e consequências da desflorestação e até a necessidade de adoção de medidas para prevenir esse fenómeno e de punir o abate de árvores, o que podemos constatar nas seguintes respostas:

- o *“a desflorestação é causada pelo homem para satisfação das suas necessidades (construção e recolha de matérias primas) mas também pode ser provocada pela própria natureza”*;
- o *“aprendi que devido à Desflorestação o clima está a mudar, e muitas espécies perderam o seu habitat, levando mesmo à sua extinção”*;
- o *“aprendi que não devemos fazer fogueiras na floresta e que não devemos cortar árvores e quem faz isso devia ser punido”*;

Outro fator a salientar em relação a esta questão é o facto de que todos os alunos foram capazes de dar uma resposta, embora com maior ou menor rigor.

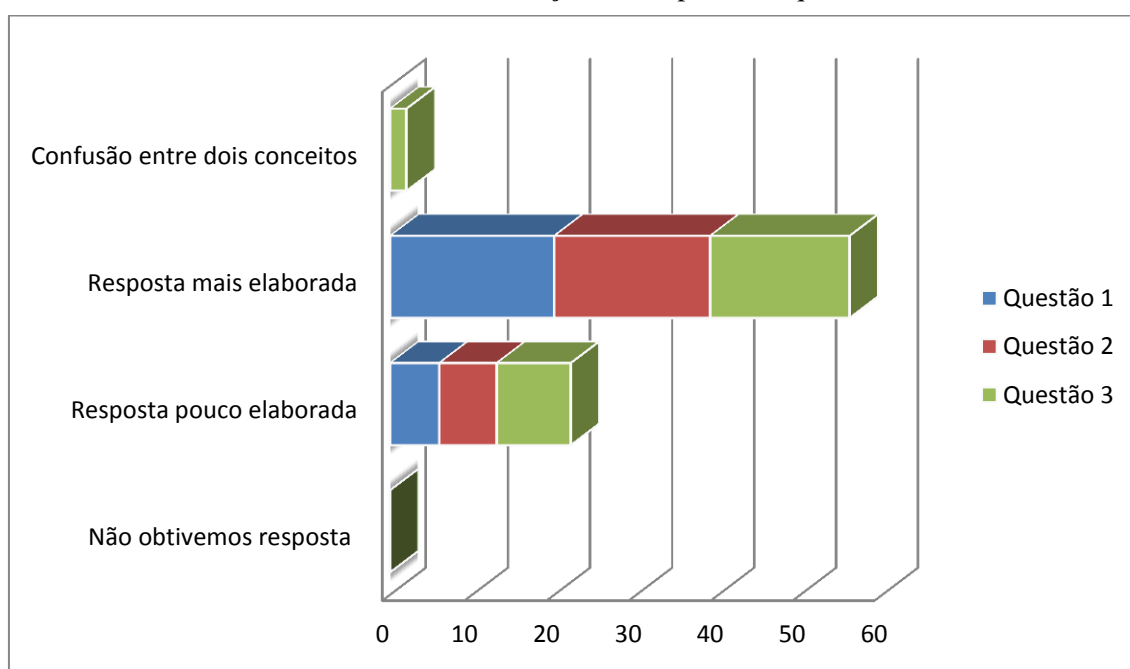
Face à questão (3) “o que consideras ter aprendido acerca da Desertificação” repete-se a tendência constatada anteriormente, a totalidade dos alunos respondeu à questão e obtiveram-se respostas “satisfatórias”, a saber:

- o *“a Desertificação é uma causa da Desflorestação e provoca a perda de biodiversidade”*;
- o *“a Desertificação é a destruição dos solos que leva à diminuição de biodiversidade”*;
- o *“que é um fenómeno em expansão devido ao aumento da temperatura e à desflorestação dos espaços”*.

Não obstante 2 alunos mantêm a “confusão” entre o conceito de desertificação e êxodo rural detetada já no levantamento dos conhecimentos prévios e um deu uma resposta muito vaga, afirmando que *“aprendeu muito sobre as causas da desertificação”*.

Quanto à relação encontrada entre os fenômenos de Desflorestação e Desertificação (questão 4), grande parte dos discentes (23 deles) referem que a desertificação é uma consequência advinda da desflorestação, esta relação de causa-efeito já tinha sido notória no levantamento das ideias prévias. Um aluno sustenta mesmo a resposta da seguinte forma “*sem florestas a biodiversidade diminui gradualmente originando a ausência de fauna e flora, o que provoca zonas desérticas*”. Dois deles dão uma resposta fora do que se pretendia (referem a título de exemplo que ambas são fenômenos negativos) e apenas um aluno não respondeu (ver gráfico 14).

Gráfico 14. Nível de elaboração nas respostas às questões 1 a 3



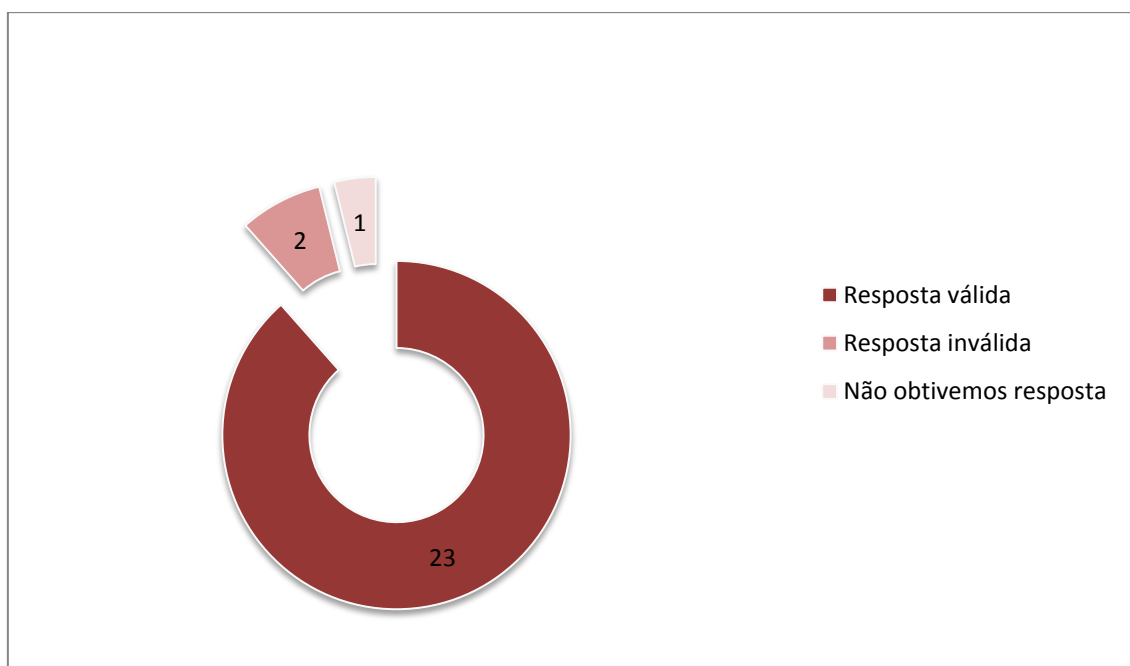
Fonte: Elaboração própria

Quando interrogados sobre outros aspectos que aprenderam sobre o valor das Florestas, a tendência é a obtenção de respostas muito direcionadas à importância das florestas e à necessidade de as proteger, tais como:

- “que precisamos de proteger as florestas para proteger as espécies animais e vegetais e para termos oxigênio”;
- “que as florestas são essenciais á nossa vida e a vida do planta, por isso devemos aprender a preserva-las e a respeita-las”;
- “são uma fonte de oxigênio, biodiversidade e muitas outras coisas essenciais à vida no planeta”;
- “não devemos poluir as florestas nem fazer incêndios, mas sim preservá-las”.

Respostas como estas foram transversais a 23 dos alunos, sendo que apenas três não responderam (ver gráfico 15).

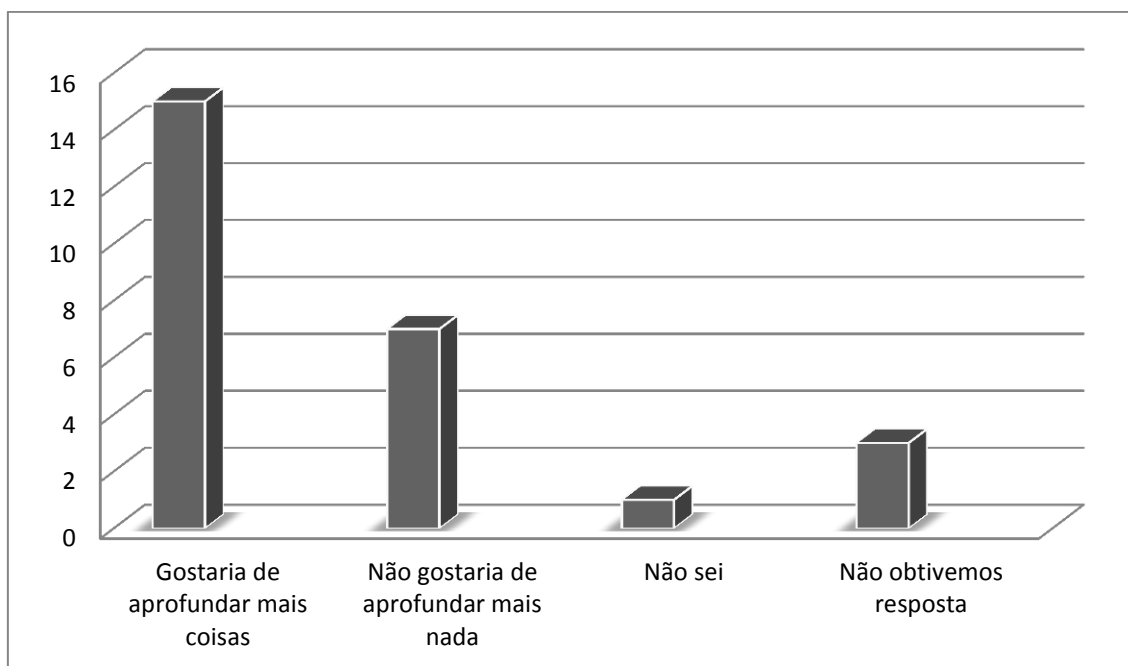
Gráfico 15. Respostas dos alunos à questão 4



Fonte: Elaboração própria

Finalmente, à última questão – o que mais gostarias de saber sobre este assunto – importa atentar nas respostas dos alunos apresentadas no gráfico 16.

Gráfico 16. Respostas dos alunos sobre o que mais gostariam de saber sobre o tema



Fonte: Elaboração própria

Quinze alunos mostraram interesse em aprender mais sobre o tema, o que significa que ficaram motivados para a aprendizagem, atentemos em algumas respostas que sustentam esta análise:

- “gostaria de saber como podemos travar o avanço da desflorestação e repovoar as zonas desérticas”;
- “gostaria de saber como poderei contribuir para a proteção das florestas e dos seus animais”;
- “gostaria de perceber quais as atividades económicas que gastam bens das florestas, como a madeira”.

As categorias de resposta apresentadas justificam um interesse por parte dos alunos em regressar ao tema e aprofundar alguns pormenores ou, simplesmente, aprender coisas que não foram abordadas no decorrer da tarefa.

Reflexões Finais

Capítulo 4. Reflexões finais

4.1. Reflexões finais

A finalidade deste Projeto de Intervenção Pedagógica, onde procedemos ao desenho, implementação e análise de uma experiência em contexto de sala de aula, nas áreas disciplinares de História e de Geografia, era a de perceber até que ponto a utilização de WebQuest, enquanto recurso didático, impelia ao desenvolvimento de competências em alunos do 3º ciclo do Ensino Básico. Ao que pudemos responder afirmativamente, pois o estudo desenvolvido permitiu-nos validar de alguma forma a pertinência da utilização deste tipo de tarefas junto dos alunos, como forte contributo para a aprendizagem, para a promoção de um ambiente mais motivador, mais próximo da realidade vivenciada fora dos muros da escola e capaz de gerar mais interesse e uma participação ativa por parte dos discentes. A análise dos dados recolhidos antes da implementação do projeto, numa ficha de literacia informática, deixou claro que a utilização do computador e da Internet é algo a que os alunos recorrem diariamente e por um tempo considerável. O que, em primeira instância, justificou a integração da Internet no nosso projeto. Por outro lado, a análise dos dados conseguidos durante e após a realização do projeto, vêm mostrar que os alunos apreciam a diversidade de estratégias didáticas, e assumem a utilização de WebQuest como uma mais valia para o trabalho por eles desenvolvido, na medida que lhes permite trabalhar com recurso ao computador e à Internet, algo com que já estão bastante familiarizados e que permite a pesquisa e tratamento de informações variadas sobre os temas abordados. Através das fichas de metacognição foi-nos, ainda possível constata que este tipo de instrumento abre portas para o desafio de construir novos conhecimentos, pois a maioria dos alunos afirmam quererem aprofundar mais sobre as temáticas tratadas na realização da WebQuest. Pela análise à aula em que foi implementado o projeto, podemos avançar com a ideia de que os alunos se empenharam na execução da tarefa, foram bastante autónomos e apreciaram o trabalho colaborativo, o que, mais uma vez, reforça as nossas afirmações. Por outro lado, a realização da tarefa impulsionou-os ao trabalho de pesquisa e seleção da informação, pois, além das fontes terem sido disponibilizadas

previamente pelo professor havia todo o trabalho de “arrumar” a informação de acordo com o que lhes era pedido dar resposta.

No que concerne ao desenvolvimento de competências em História: a interpretação de fontes e construção de narrativas históricas, foi-nos possível constatar que houve um efetivo desenvolvimento por parte dos alunos. O número de alunos a responder às questões do levantamento das ideias prévias para as questões da ficha de metacognição aumentou, assim, como aumentou o número de respostas válidas.

Ao nível do desenvolvimento de competências na área da Geografia e fazendo uma comparação entre a análise dos relatórios e a análise das fichas de metacognição, podemos constatar que alguns elementos dos grupos, conseguiram fazer um trabalho bastante elaborado no que diz respeito ao relatório, mas quando impelidos a responder às questões metacognitivas ficam aquém, o que pode ser explicado por duas razões: tiveram uma participação pouco ativa na realização da tarefa, ou, não houve uma aprendizagem significativa por parte deles. Contudo foi-nos possível verificar o aumento do grau de elaboração das respostas apresentadas nas fichas de metacognição em relação ao levantamento das ideias prévias. Assim como, verificar o aumento do número de alunos a responderem às questões.

Resumidamente, podemos dizer que este projeto, se não veio dizer-nos nada de novo em relação ao uso das TIC, pois já todos reconheceram o interesse dos alunos em atividades cujo pano de fundo seja a Internet, permitiu-nos validar a utilização de uma WebQuest como estratégia motivadora e promotora de uma aprendizagem com significado junto de alunos do 9º ano quer em História quer em Geografia, com efeito, a autonomia e o empenho com que realizaram todas as propostas relacionadas com este projeto foram notórios.

4.2. Limitações do estudo

Durante o decorrer da implementação deste projeto, deparámo-nos com algumas dificuldades que à primeira vista poderiam comprometer o bom funcionamento do processo. Desde logo, a sobreposição dos horários dos módulos que compunham o

programa do mestrado face às aulas assistidas na escola onde o projeto iria ser implementado. Chegámos a ter momentos de avaliação no mesmo horário em que tínhamos agendadas aulas de observação e até aulas assistidas pelas Orientadoras e pela Supervisora. Isto revelou alguma desorganização na estrutura da unidade curricular Estágio profissional, e que, de certa forma, acabava por condicionar o nosso desempenho. Esta mesma sobreposição de horários conjugada com a carga horária dos submódulos em que tínhamos que marcar presença (sendo que nos marcavam falta quando não comparecíamos) e com todas as apresentações de trabalho e testes, impediu, no nosso entender, a realização de um trabalho investigativo mais reflexivo e aprofundado, sobretudo ao nível da pesquisa bibliográfica inerente a este tipo de trabalhos.

Ao nível da escola onde foi implementado o projeto, não foram menores os desafios a ultrapassar. A falta de obras de melhoramento era notórias, e em dias de chuva, era impossível ligar um computador sem o risco de provocar um curto-circuito. A própria Direção alertou para a necessidade de não se acenderem as luzes em dias com chuva, o que limitava alunos e professores à pouca luz natural característica de um dia de Inverno. Quando nos apercebemos deste cenário, a primeira pergunta que nos ocorreu foi a de como poderíamos implementar um projeto com recurso a computadores e à Internet quando não os poderíamos sequer ligar? Para solucionar este problema, entramos em contacto com a Direção a fim de nos trocar de sala no dia em que fosse implementado o projeto. Trocada a sala, outro problema se colocou: a falta de computadores. Tínhamos salas de informática com computadores avariados que não permitia o acesso a um computador por grupo, pelo que tivemos que disponibilizar os nossos computadores pessoais para colmatar essa falha. Destas dificuldades ressalta uma ideia que já mencionámos anteriormente neste estudo: a falta de meios em algumas escolas. Numa era a que chamamos sociedade de Informação é contraditório saber que, por falta de meios, estagiários e professores sejam impedidos de pôr em prática as suas ideias mais inovadoras, e que os alunos têm um acesso muito limitado a computadores na Escola!

Por outro lado, apontámos a falta de tempo nas nossas vidas para nos dedicarmos à finalização e consequente redação deste estudo. Com uma empresa para gerir, tornou-se muito complicado conciliar as idas à biblioteca e as reuniões com a Supervisora.

No fim, fica a certeza de que estes desafios com que nos fomos deparando podem ser a ponta do iceberg no dia-a-dia de um professor, pois, como já tivemos oportunidade de constatar, este, todos os dias, tem que dar resposta aos mais variados desafios.

4.3. Implicações futuras

Relativamente àquilo que podemos deixar como implicação para uma futura (mas longínqua dado o cenário nacional) prática docente, podemos reforçar a pertinência deste tipo de trabalhos empíricos, que permitem aos professores ganhar consciência dos benefícios de variar as suas práticas e também, dotar-se de todo um conjunto de instrumentos que lhes permitam monitorizar o trabalho mental desenvolvido pelos alunos e ainda o seu próprio trabalho. Estes mecanismos de análise possibilitam aos professores “extrair” o que os alunos aprendem e como aprendem, pelo que devem ser incentivados a desenvolver experiências como esta, desde que com um contínuo trabalho reflexivo.

Não obstante, é preciso ter noção de que a utilização da Internet é imperativa para uma prática docente motivadora e mais eficaz, mas não é solução para todos os problemas que a Educação enfrenta. E o facto de termos aqui comprovado a validade da Internet como instrumento pedagógico, não garante por si só uma aprendizagem eficiente. Citando novamente Nóvoa (1991), não chega por o aluno em frente a um computador, é preciso muito mais por parte do professor para gerar aprendizagem.

Reflexões Bibliográficas

Referências Bibliográficas

Barca, I. (2004). *Aula Oficina: do Projeto à Avaliação*. In. I. Barca (Org.). *Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica – Para uma Educação Histórica de Qualidade*. Braga: Universidade do Minho, pp. 131-144.

Barca, I. (2000). *O Pensamento Histórico dos Jovens – Ideias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica*. Braga: Universidade do Minho.

Barca, I. (Org.) (2004). *Para uma Educação Histórica de Qualidade*. Braga: CIED.

Carvalho, A. (2004). A World Wide Web e o Ensino da História. In I. Barca (Org.). *Atas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica – Para uma Educação Histórica de Qualidade*. Braga: Universidade do Minho.

Carvalho, A. (2007). *Rentabilizar a Internet no Ensino Básico e Secundário: dos Recursos e Ferramentas Online aos LMS*. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 3, pp. 25-40.

Carvalho, A.A.A. (2002). *WebQuest: Um desafio aos Professores para os alunos*. Disponível em: <http://www.iep.uminho.pt/aac/diversos/webquest/index.htm> (consultado em 12/2011)

Coll, Cesar et al (2001). *O Construtivismo na sala de aulas: novas perspetivas para a ação pedagógica*. Porto: Edições Asa.

Dogge, B. (1995). *As WebQuest* (<http://WebQuest.sp.senac.br>). Consultado em 06/2012.

Formosinho, J. (1987). *O Currículo Uniforme Pronto-a-vestir de tamanho único*. Cadernos de Políticas Educativas e Curriculares. Braga: Universidade do Minho.

Fosnot, Catherine T. (1996). *Construtivismo e Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Fosnot, Catherine T. (1989). *Professores e alunos questionam-se: uma abordagem construtivista do ensino*. Lisboa: Instituto Piaget.

Gomes, N. F. L. (2006). *Potencial Didático dos Sistemas de Informação Geográfica no Ensino da Geografia*. Lisboa: Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação da Universidade Nova de Lisboa.

Matos (1996). <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14492/2/33882.pdf> Consultado em 06/2012.

Martins, A.A.V.S. (2008). *A utilização da WebQuest na aula de História e Geografia de Portugal*. Braga: IE, Universidade do Minho.

Martins, H. (2007). *A WebQuest como recurso para aprender História: um estudo sobre significância histórica com alunos do 5º ano*. Mestrado em Educação, na área de Especialização em Supervisão Pedagógica no Ensino de História. Braga: Instituto de Educação, Universidade do Minho.

Melo, M.C. (2009a). *A metacognição histórica dos professores e dos alunos: primeiros contributos*. In Flávia Vieira, Maria Alfredo Moreira, José Luís Silva, Maria do Céu de Melo (Org.). *Pedagogia Para a Autonomia. (Re)Construir a esperança na Educação*. Atas 4º Encontro do GTPA. Braga. Instituto de Educação e Psicologia. Centro de Investigação em Educação. Universidade do Minho. CDROM (s/pág.).

Melo, M.C. (2009b). *O Conhecimento (tácito) Histórico: Polifonia de alunos e professores*. Braga: Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Ministério da Educação – *Inspeção Geral da Educação (2008-2009)*. Avaliação Externa das Escolas.

Ministério da Educação – *Orientações Curriculares para o 3º ciclo*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.

Miranda, B.M.A. (2009). *A reconfiguração didática: Implicações da educação para a cidadania nas práticas da educação geográfica*. Lisboa: Tese de Doutoramento Universidade Aberta.

Moreira, C.L.S. (2011) *A WebQuest na Aprendizagem da História e da Geografia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Miras, M. (2001). Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios. In: COLL, César (Org.). *O Construtivismo na sala de aula*. Porto, Edições Asa.

Monteiro, C.A.G. Dias (2010). *O Papel da WebQuest na Construção do Conhecimento*. Braga: Instituto de Educação, Universidade do Minho.

Nóvoa, A. (org.)(1991). *Profissão Professor*. Porto: porto Editora.

Perrenoud, P. (1993). *Práticas Pedagógicas. Profissão Docente e Formação. Perspetivas Sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Rodrigues, A.C.B. (2010). *Os Podcasts na construção do conhecimento da História Local. Um estudo de caso sobre evidência histórica com alunos do 5ºano de escolaridade*. Braga: Instituto de Educação, Universidade do Minho.

Sacramento, A.P.R. (2010). *Didática e Educação Geográfica: algumas notas*. São Paulo: Faculdade de Educação. Versão Digital.

Silva, A. (2011). *A WebQuest como ferramenta facilitadora da aprendizagem: um estudo com alunos do 11ºano no tema Rochas Sedimentares, arquivos históricos da Terra*. Braga: Instituto de Educação, Universidade do Minho.

Silva, M. (1996). *Práticas Educativas e Construção de Saberes. Metodologias da Investigação-Ação*. Lisboa: I.I.E.

Schoumaker, B. M. (1999). *Didática da Geografia*. Porto: ASA Editores.

<http://hluz.no.sapo.pt/trabalhos/desenvolvimento%20cur.pdf>, (Considerações gerais sobre o papel do professor e as mudanças em educação) Consultado em 6/2012.

Anexos

Anexos

Anexo 1. Ficha de Literacia Informática

		Universidade do Minho Instituto de Educação 2011/12
Obrigada pela tua participação neste levantamento.		
Responde às seguintes questões, preenchendo uma cruz na resposta certa:		
	SIM	NÃO
Tens computador?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É portátil?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tens acesso à Internet	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gostas de usar o computador para:		
Estudar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jogar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Consultar as redes sociais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros: _____		
Quantas horas passas, em média, no computador por dia? (resposta numérica): _____		
Nome: _____		
		14/15
	Idade:	<input type="checkbox"/>

Instrumentos de recolha utilizados em História

Anexo 2. Suporte para o levantamento das ideias prévias dos alunos

Registo das ideias prévias dos alunos

O que entendes por democratização?

O que entendes por descentralização do poder?

Nome: _____ Nº _____

|

Anexo 3. Plano da aula de implementação do projeto em História

Plano de aula

Disciplina	Hora	Sala	Ano	Turma
História	08h20 às 09h50	22	9º	B

Sumário: Portugal democrático: realização de uma WebQuest.

DATA	30 de Maio
COMPETÊNCIAS A FOCALIZAR	Análise e interpretação de fontes diversas, incluindo as diferentes mensagens, através de TIC (WebQuest). Construção de narrativas históricas.

VISÃO GERAL DO TEMA DA AULA	<p>O desgaste provocado pela guerra colonial e o descontentamento da população pela falta de liberdade, pela recusa do regime em aceitar a solução política para a questão ultramarina e a crise económica que afetava o país, levaram a que um grupo de militares das Forças Armadas, na sua maioria capitães, se revoltassem contra o regime. Estes, organizados no Movimento das Forças Armadas (MFA), puseram fim a 48 anos de ditadura e ao Estado Novo, no dia 25 de Abril de 1974, contando com o apoio do povo que saiu às ruas para saudar os capitães. Depuseram Marcello Caetano e o Presidente da República Américo Tomás, e constituíram a Junta de Salvação Nacional, presidida pelo general Spínola, mais tarde nomeado primeiro Presidente da República.</p> <p>Seguindo o programa do MFA: Democratizar, Descolonizar e Desenvolver, a sociedade portuguesa foi democratizada. Extinguiram-se as instituições repressivas e os órgãos de apoio ao regime; a censura foi abolida; libertaram-se os presos políticos e os exilados puderam regressar ao país; autorizaram-se os partidos políticos e os sindicatos para a função pública; negociou-se a independência das colónias e organizaram-se eleições livres para formar a Assembleia Constituinte. Que viria a aprovar a Constituição de 1976 onde se consignou uma nova organização democrática e pluralista do Estado.</p> <p>A partir de Julho de 1974 iniciaram-se as negociações com os representantes dos movimentos de libertação para conceder a independência às colónias. E, em pouco mais de um ano, as colónias africanas deram lugar a nações independentes. No que respeita às colónias portuguesas na Ásia, Timor foi ocupado pela Indonésia e só viu a sua independência reconhecida em 2002 e Macau, dando cumprimento a um acordo preexistente, foi entregue à China.</p> <p>Com o fim da guerra colonial e a concessão da independência às colónias, muitos dos portugueses que viviam e dominavam nesses países, foram obrigados a regressar a Portugal (cerca de 500 000), deixando para</p>
--	--

	<p>trás todos os seus bens. Mas, a capacidade de adaptação dos “retornados” e as medidas de apoio implementadas pelo Governo permitiram a integração na sociedade portuguesa de grande parte deles.</p> <p>Não obstante, foi dar cumprimento ao terceiro D (Desenvolver) do programa do MFA que se tornou mais difícil. Aquando da Revolução dos Cravos Portugal vivia uma grave crise económica, o capital deixou de ser investido na indústria para custear a guerra colonial, a agricultura mantinha-se pouco produtiva, a crise do petróleo (1973-79) provocou o aumento dos preços em todo o mundo, afetando também Portugal, ao que se juntou a perda dos mercados coloniais. Face a tantos entraves Portugal teve que procurar alternativas para a situação económica, pelo que, apresenta a candidatura de adesão à CEE. Em Janeiro de 1986 a sua adesão é aceite e Portugal passa a ser membro, de pleno direito, da Comunidade Europeia. O que permitiu ao país a diminuição da inflação e da dívida externa, o aumento das exportações e do investimento estrangeiro e um relativo aumento do poder de compra dos portugueses.</p>
<p>PRINCIPAIS CONCEITOS</p>	<p>“25 de Abril de 1974”; Democratização; Descentralização; Autonomia regional; Poder autárquico;</p>
<p>QUESTÕES ORIENTADORAS</p>	<p>Que fatores conduziram à Revolução do 25 de Abril?</p> <p>Quais as grandes transformações provocadas por esta Revolução?</p>
<p>EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM</p>	<p>1º momento – Depois da elaboração do sumário será feito o levantamento das ideias prévias dos alunos quanto aos dois conceitos principais do subtema: Democratização e Descentralização. Este levantamento deverá ser feito por todos os alunos de forma individual e numa folha previamente distribuída, que seguidamente será recolhida para tratamento futuro.</p> <p>2º momento – Como forma de contextualizar o conteúdo a abordar, a professora fará uma breve exposição sobre a Revolução que teve lugar a 25</p>

	<p>de Abril de 1974.</p> <p>3º momento – Para abordar a temática sumariada: Portugal democrático, os alunos deverão realizar a WebQuest denominada “Revolução dos Cravos”. Aqui encontrarão indicações precisas da informação que devem recolher nos sites disponibilizados. A atividade é para ser realizada em pares e o seu resultado deverá ser a construção de uma narrativa histórica que não exceda uma página Word. Estas narrativas serão analisadas pela professora (juntamente com a professora titular da disciplina) e a melhor será publicada pela escola.</p> <p>4º momento – No sentido dos alunos avaliarem o trabalho realizado durante esta aula pelos colegas de grupo (pares) terão que preencher uma ficha previamente distribuída pela professora. Deste modo, tornar-se-á possível avaliar o empenho dos alunos na atividade.</p>
<p>GESTÃO DO TEMPO: aula de 90 minutos</p> <p>1º momento - 20 minutos</p> <p>2º momento - 10 minutos</p> <p>3º momento - 55 minutos</p> <p>4º momento - 5 minutos</p>	<p>AVALIAÇÃO:</p> <p>Diagnóstica</p> <p>Formativa</p> <p>Formativa</p> <p>Formativa</p>

 **Anexo 4. PowerPoint utilizado na aula de implementação do projeto**

Portugal do autoritarismo à democracia



Portugal democrático:
realização de uma WebQuest



 **Anexo 5. Ficha de avaliação do trabalho de grupo**

Agora que terminaram a vossa missão está na hora de se avaliarem!

A avaliação será feita na seguinte escala Muito Bom (MB); Bom (B); Satisfatório (S); Fraco (F);

Avalia os elementos do teu grupo quanto:

	MB/B/ S/ F
- à participação e interesse pessoal manifestado	○ ○ ○ ○
- à cooperação e organização do trabalho em grupo	○ ○ ○ ○
- à pesquisa, seleção e organização da informação	○ ○ ○ ○
- à clareza na expressão escrita	○ ○ ○ ○
- à capacidade de síntese	○ ○ ○ ○
- à adequação do resultado à tarefa proposta	○ ○ ○ ○

Anexo 6. Ficha de Metacognição de História

Agora que terminaste a tarefa que te foi proposta está na hora de pensares sobre este teu processo e resultados de aprendizagem.

Para a primeira questão responde utilizando uma escala de Muito (M), Bastante (B), Pouco (P) ou Nada (N).

M/ B/ P/ N

Consideras importante o uso deste tipo de metodologia na aprendizagem?

Porquê? _____

Sim/ Não

Tiveste dificuldades durante a realização da WebQuest?

Se sim,
quais? _____

O que consideras ter aprendido acerca da recuperação da Democracia em Portugal?

O que consideras ter aprendido acerca da Descentralização do poder?

Que relação encontras entre estas?

Que outros aspectos da História aprendeste nesta aula?

O que mais gostarias de saber sobre estes assuntos?

Nome: _____ n.º _____

 **Anexo 7. Síntese fornecida aos alunos após a realização da WebQuest**

A Revolução do 25 de Abril de 1974:
construção de um Portugal democrático

Programa do MFA: os 3 "D"

Democratizar

Descolonizar

Desenvolver

Extinção das estruturas repressivas (PIDE/DGS; Censura) e órgãos de apoio

Libertação dos presos políticos e autorização do regresso dos exilados políticos

Autorização dos partidos políticos e sindicatos para a função pública

Concessão da independência às colónias

Organização de eleições livres para a formação de uma Assembleia Constituinte que aprovaria a nova Constituição da República (1976)

Esta constituição consignou uma nova organização democrática e pluralista do Estado

Permitindo:

A **descentralização**: transferência de competências dos órgãos do poder central para outros órgãos administrativos, económicos ou outros, conferindo-lhes mais autonomia nas suas decisões.

O reforço do **poder autárquico**: poder ou competências constitucionalmente atribuídos às autarquias, em especial às Assembleias Municipais e às Camaras Municipais

E a **autonomia regional**: poder de uma determinada região (Açores e Madeira) se organizar e administrar a si própria, embora subordinada aos órgãos de soberania do Estado a que pertence

- Guiné Bissau :23 de Agosto de 1974
- Moçambique:26 de Junho de 1975
- Cabo Verde :5 de Julho de 1975
- S. Tomé e Príncipe:12 de Julho de 1975
- Angola:11 de Novembro de 1975

Macau é entregue à China em1999; Timor foi ocupado pela Indonésia.

O processo de descolonização obrigou meio milhão de portugueses que viviam nas colónias a regressarem a Portugal: "**os retornados**"

Foi o "D" mais difícil de concretizar

Aquando da Revolução dos Cravos Portugal atravessava uma crise económica e com a perda dos mercados coloniais a situação agravou-se

Portugal precisava de alternativas para redefinir a sua economia

Em 1977 faz o pedido de adesão à CEE, que é aceite em 1986

Permitiu ao país:

- a diminuição da inflação e da dívida externa;
- o aumento das exportações e do investimento estrangeiro ;
- um relativo aumento do poder de compra dos portugueses.



Instrumentos de recolha utilizados em Geografia

🌿 Anexo 8. Suporte para o levantamento das ideias prévias dos alunos

Registo das ideias prévias dos alunos

Nome: _____ Nº _____

🌿 Anexo 9. Plano da aula de implementação do projeto em Geografia

Plano de aula

Disciplina	Hora	Sala	Ano	Turma
Geografia	10h05 às 11h35	23	9º	B

Sumário: As florestas uma riqueza em perigo.

Realização de uma WebQuest.


DATA	24 de Abril
COMPETÊNCIAS A FOCALIZAR	<p>Problematizar as situações evidenciadas em trabalhos realizados, formulando conclusões e apresentando-as em descrições escritas e/ou orais simples e/ou em material audiovisual.</p> <p>Interpretar, analisar e problematizar as inter-relações entre fenómenos naturais e humanos evidenciadas em trabalhos realizados, formulando conclusões e apresentando-as em descrições escritas e/ou orais simples e/ou material audiovisual.</p> <p>Utilizar o vocabulário geográfico em descrições orais e escritas</p>

	de lugares, regiões e distribuições de fenômenos geográficos.
VISÃO GERAL DO TEMA DA AULA	<p>As florestas ocupam, a nível mundial, 30 % da superfície total dos continentes (cerca de 40 milhões de km²) e representam um bem essencial para a vida na Terra, embora o Homem tenha vindo a comprometer a sua existência.</p> <p>Ao longo da História as florestas têm representado um importante sistema de suporte para a sociedade, proporcionando madeira, forragens e plantas medicinais, bem como, tornando possíveis atividades como a caça, a formação de solos ricos, a proteção das bacias hidrográficas e a regularização do clima. A existência de madeira tornou possíveis, por exemplo, os Descobrimientos portugueses, e a sua escassez impulsionou a Revolução Industrial e Agrícola, levando os países do Norte europeu a descobrir o carvão fóssil como alternativa de combustível. Porém, toda esta riqueza está a ser posta em causa, essencialmente, pela ação humana. A agricultura, a pecuária, a atividade industrial, o desenvolvimento do turismo, os incêndios e a crescente expansão urbana estão a degradar as florestas de forma alarmante. Não obstante, é sobre o Homem que recaem as consequências destas perdas. A erosão e possível desertificação estão iminentes em inúmeros territórios desarborizados, os solos perdem fertilidade e deterioram-se as reservas de água, perde-se biodiversidade, diminui a absorção de CO₂ (pela diminuição da fotossíntese) e conseqüentemente aumenta o aquecimento global. Face a este cenário é imperativo tomar medidas de combate à desflorestação, pois o avanço desta porá em causa o “bem-estar” ecológico do nosso planeta.</p>
PRINCIPAIS CONCEITOS	Desflorestação; Desertificação;
QUESTÕES ORIENTADORAS	Porque são as árvores essenciais para o “bem estar” ecológico da Terra?
EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	<p>1º momento – Esta aula, como é de praxe, terá início com a elaboração do sumário que deve ser registado pelos alunos nos seus cadernos diários. Seguidamente será feito o levantamento das ideias prévias através de um conjunto de perguntas: o que é a desflorestação? O que é a desertificação? Que relação existe entre estas? A resposta a estas questões será registada pelos alunos individualmente numa folha (previamente distribuída).</p>

	<p>Estas folhas serão depois recolhidas pela professora para fazer o seu tratamento.</p> <p>2º momento – O segundo momento será ocupado por uma breve contextualização dos conteúdos sumariados, e serão dadas aos alunos as orientações para a resolução da atividade que lhes é proposta: a resolução de uma WebQuest.</p> <p>3º momento – Este momento da aula será ocupado pela realização da tarefa proposta que tem como suporte a Internet. Esta consiste na pesquisa e recolha de informação relativa à importância das florestas, causas e consequências da sua degradação, possíveis medidas que possam ser implementadas para combater os efeitos da desflorestação (esta informação consta nos sites disponibilizados na WebQuest). Por fim, será pedido aos alunos que apontem soluções que, individualmente, podem tomar para proteger as florestas. O resultado da atividade será a construção de um texto em Word que deverá dar resposta aos tópicos acima descritos, e este terá que ser entregue no final da aula. Depois de corrigidos os 14 textos, será seleccionado um para ser publicado na escola. Esta tarefa é para ser realizada a pares (a sala estará preparada para o trabalho de pares e cada grupo terá um computador com acesso à Internet). A professora durante este momento deslocar-se-á pela sala somente para perceber se os alunos estão a trabalhar e tirar dúvidas que possam surgir no que respeita à estrutura da WebQuest, o trabalho terá que ser exclusivamente da autonomia dos alunos.</p> <p>Nota: Para o tratamento das ideias prévias os alunos irão elaborar uma ficha de metacognição numa outra aula. Neste tratamento terão que dar resposta às questões constantes na WebQuest e terão acesso às folhas onde registaram o levantamento das ideias prévias, para que possam modificar ou aprofundar as suas respostas.</p>
<p>GESTÃO DO TEMPO: aula de 90 minutos</p> <p>1º momento - 15 minutos 2º momento - 10 minutos 3º momento - 65 minutos</p>	<p>AValiação:</p> <p>Diagnóstica Formativa Formativa</p>

🌿 Anexo 10. PowerPoint utilizado na aula de implementação do projeto

Tema 2. Ambiente e Sociedade



As florestas – uma riqueza em perigo.
Realização de uma WebQuest.



Desflorestação

Desertificação

Anexo 11. Ficha de avaliação do trabalho de grupo

Agora que terminaram a vossa missão está na hora de se avaliarem!

A avaliação será feita na seguinte escala Muito Bom (MB); Bom (B); Satisfatório (S); Fraco (F);

Avalia os elementos do teu grupo quanto:	MB/B/ S/ F
- à participação e interesse pessoal manifestado	○ ○ ○ ○
- à cooperação e organização do trabalho em grupo	○ ○ ○ ○
- à pesquisa, seleção e organização da informação	○ ○ ○ ○
- à clareza na expressão escrita	○ ○ ○ ○
- à capacidade de síntese	○ ○ ○ ○
- à adequação do resultado à tarefa proposta	○ ○ ○ ○

Anexo 12. Ficha de Metacognição

Agora que terminaste a tarefa que te foi proposta está na hora de avaliares o teu conhecimento.

Consideras importante o uso deste tipo de metodologia na aprendizagem? Sim/Não

Consideras que os professores de outras disciplinas deveriam usar esta metodologia?

Tiveste dificuldades durante a realização da WebQuest?

Se sim quais?

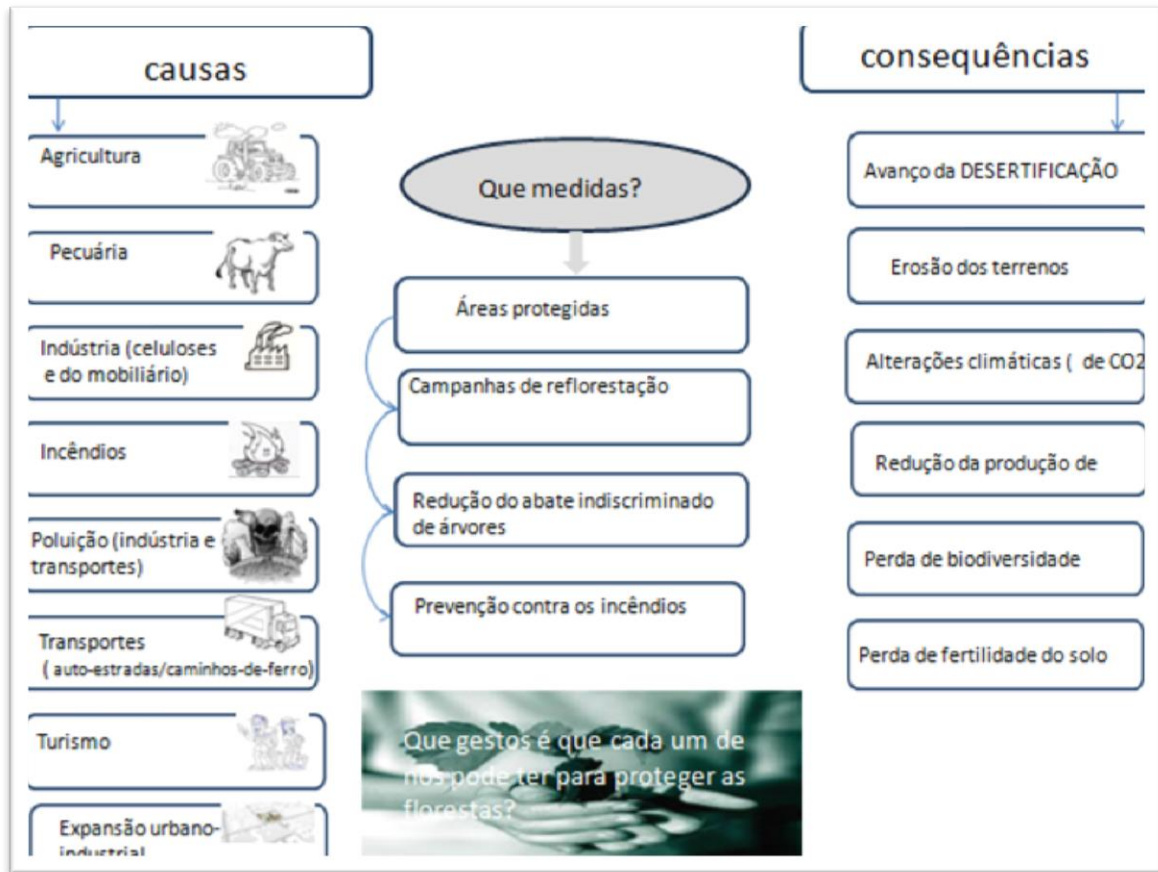
O que consideras ter aprendido acerca das Florestas?

O que consideras que poderias ter aprendido mais?

Nome: _____ nº _____

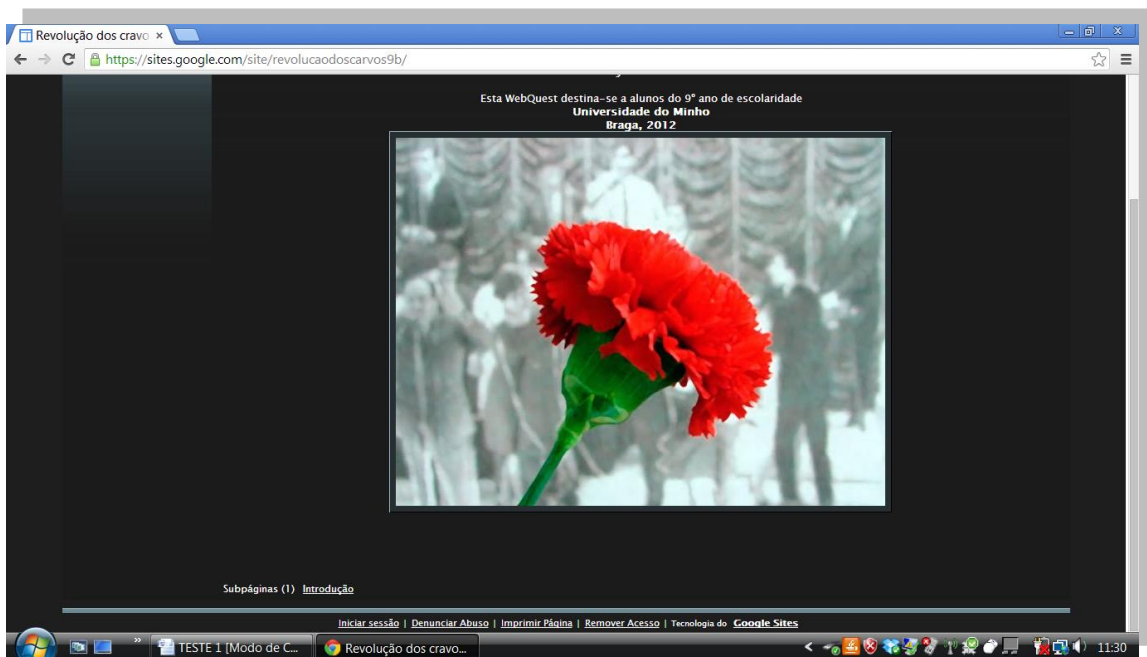
9ºB

🌿 Anexo 13. Síntese fornecida aos alunos após a realização da WebQuest



🌿 Anexo 14. Estrutura da WebQuest de História

Home



Introdução

Introdução - Revoluç x

https://sites.google.com/site/revolucaodoscarvos9b/homehttpsitesgooglecomsitepromodelsagenciamodelos/introducao

Revolução dos cravos 9 B

Pesquisar este site

Home >
Introdução
Mapa do site

Home >
Introdução

*Queres ficar a saber as consequências da Revolução do 25 de Abril para o teu país?
.....então embarca nesta aventura*

O redator de um jornal está na tua escola e entregou-te uma importante missão. Hoje terás que investigar como ficou Portugal depois dessa revolução e fazer um artigo sobre o que consegues descobrir. No seu conjunto, os artigos serão analisados e o redator do jornal selecionará o melhor para ser publicado na tua escola!!!

Foram dias foram anos
a esperar por um só dia.
Alegrias, Desenganos.
Foi o tempo que doía
com seus riscos e seus danos.
Foi a noite e foi o dia
na esperança de um só dia.
Manuel Alegre

Subpáginas (1) Tarefa

TESTE 1 [Modo de C... | Introdução - Revoluç... | Tese_Pedro Daniel M... | 11:32

Tarefa

Tarefa - Revolução d x

https://sites.google.com/site/revolucaodoscarvos9b/homehttpsitesgooglecomsitepromodelsagenciamodelos/introducao/tarefa

Revolução dos cravos 9 B

Pesquisar este site

Home >
Introdução
Mapa do site

Home > Introdução >
Tarefa

O redator precisa de informações concretas sobre o que aconteceu a Portugal depois do fim do Estado Novo. Passa à fase seguinte...lá encontrarás todas as indicações para completar a tua missão.

Subpáginas (1) Processo

Iniciar sessão | Denunciar Abuso | Imprimir Página | Remover Acesso | Tecnologia do Google Sites

TESTE 1 [Modo de C... | Tarefa - Revolução d... | Tese_Pedro Daniel M... | 11:32

Processo

Processo - Revoluçã

https://sites.google.com/site/revolucaodoscarvos9b/homehttpsitesgooglecomsitepromodelsagenciamodelos/introducao/tarefa/processo

Revolução dos cravos 9 B

Pesquisar este site

Home > Introdução > Tarefa > Processo

Processo

Bem está na hora de por mãos à obra!!!

- o primeiro passo é formar pares;
- de seguida consultem os sites disponibilizados na fase "RECURSOS" e recolham toda a informação acerca:
 - dos capitães de Abril (basta os seus nomes);
 - da democratização da sociedade portuguesa;
 - do conceito de descentralização;
 - da independência das colónias (basta a data da independência de cada uma das colónias);
 - de quem foram os "retornados";
 - data e vantagens da adesão de Portugal à CEE;
- depois de recolhida a informação, debatam sobre o que descobriram e estruturam a informação recolhida;
- respondam à questão: o que é, para vocês, viver em democracia?
- por último elaborem o vosso artigo*



TESTE 1 [Modo de C... Processo - Revoluçã... Tese_Pedro Daniel M... 11:33

Recursos

Recursos - Revoluçã

https://sites.google.com/site/revolucaodoscarvos9b/homehttpsitesgooglecomsitepromodelsagenciamodelos/introducao/tarefa/processo/recur

Revolução dos cravos 9 B

Pesquisar este site

Home > Introdução > Tarefa > Processo > Recursos

Recursos

Consultem estes sites, lá encontrarão a informação que precisam para o vosso artigo...

- **Revolução dos cravos**
http://old.encyclopedia.com.pt/articles.php?article_id=1094
- **Independência das colónias**
http://www.citi.pt/cultura/politica/25_de_abril/
<http://cc-3413.wordpress.com/2010/11/11/independencia-de-angola/>
<http://www.slideshare.net/cabaptista/a-independencia-das-colnias>
- **Descentralização**
http://www.portais.ws/?page=art_det&ida=1874
<http://quartenuno.wordpress.com/1998/08/04/o-poder-local-passado-e-futuro/>
<http://micporcoimbra.blogspot.pt/2009/04/o-25-de-abril-que-celebramos.html>
- **Os "retornados"**
<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/150.pdf>
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Retornados>

micporcoimbra.blogspot.pt/2009/04/o-25-de-abril-que-celebramos.html

TESTE 1 [Modo de C... Recursos - Revoluçã... Tese_Pedro Daniel M... 11:34

Avaliação

Avaliação - Revoluçã x

https://sites.google.com/site/revolucaodoscarvos9b/homehttpsitesgooglecomsitepromodelsagenciamodelos/introducao/tarefa/processo/recur/avalia

Revolução dos cravos 9 B

Pesquisar este site

Home > Introdução > Tarefa > Processo > Recursos >

Avaliação

Agora que realizaram a tarefa que vos era pedida, está na hora de se avaliarem. Cada elemento do grupo deve, individualmente, responder às seguintes questões*:

a avaliação será feita na seguinte escala Muito Bom (MB), Bom (B), Satisfatório (S), Fraco (F);

- à participação e interesse pessoal manifestado;
- à cooperação no trabalho em grupo;
- à pesquisa, selecção e organização da informação;
- à clareza na expressão escrita;
- à capacidade de síntese;

*Será passada uma ficha para preencherem com a avaliação.

Subpáginas (1) Conclusão

Iniciar sessão | Denunciar Abuso | Imprimir Página | Remover Acesso | Tecnologia do Google Sites

TESTE 1 [Modo de C... | Avaliação - Revoluçã... | Tese_Pedro Daniel M... | 11:34

Conclusão

Avaliação - Revoluçã x

https://sites.google.com/site/revolucaodoscarvos9b/homehttpsitesgooglecomsitepromodelsagenciamodelos/introducao/tarefa/processo/recur/avalia

Revolução dos cravos 9 B

Pesquisar este site

Home > Introdução > Tarefa > Processo > Recursos >

Avaliação

Agora que realizaram a tarefa que vos era pedida, está na hora de se avaliarem. Cada elemento do grupo deve, individualmente, responder às seguintes questões*:

a avaliação será feita na seguinte escala Muito Bom (MB), Bom (B), Satisfatório (S), Fraco (F);


- à participação e interesse pessoal manifestado;
- à cooperação no trabalho em grupo;
- à pesquisa, selecção e organização da informação;
- à clareza na expressão escrita;
- à capacidade de síntese;

*Será passada uma ficha para preencherem com a avaliação.

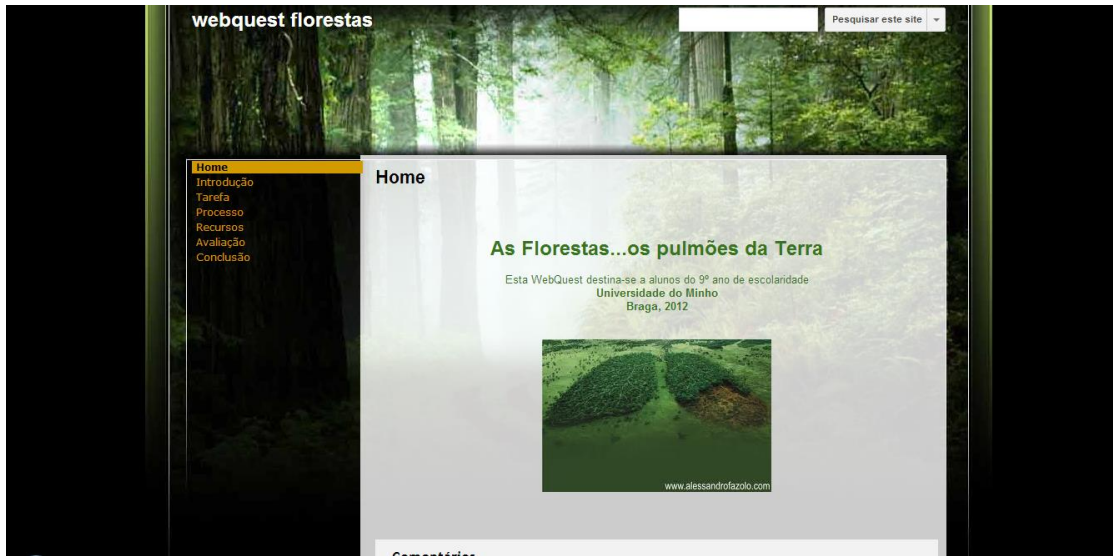
Subpáginas (1) Conclusão

Iniciar sessão | Denunciar Abuso | Imprimir Página | Remover Acesso | Tecnologia do Google Sites

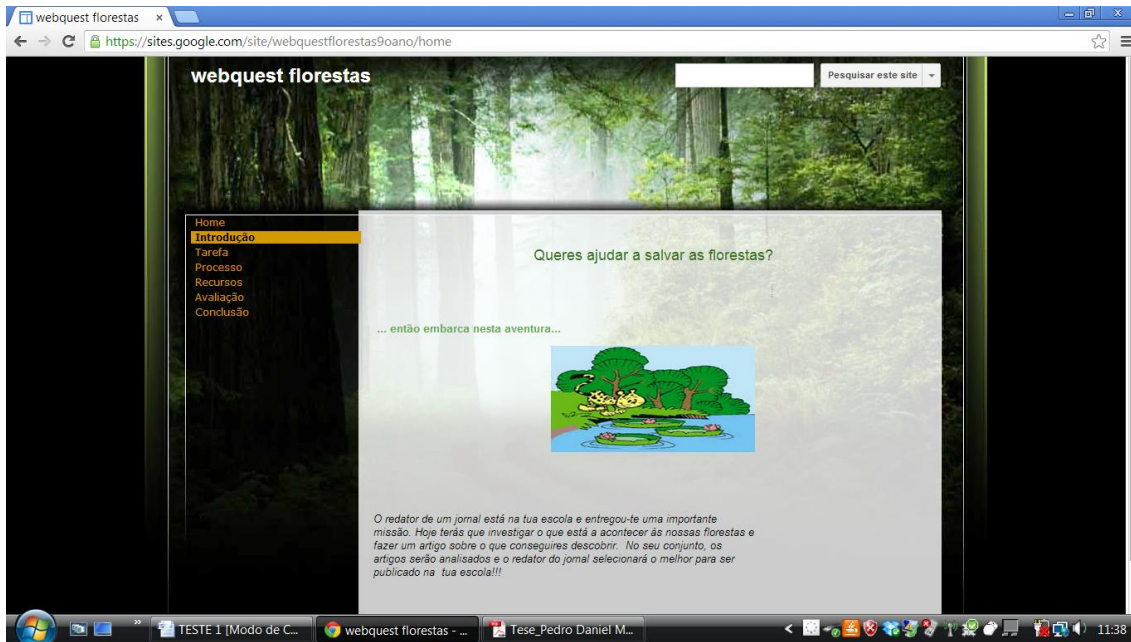
TESTE 1 [Modo de C... | Avaliação - Revoluçã... | Tese_Pedro Daniel M... | 11:34

 Anexo 15. Estrutura da WebQuest de Geografia

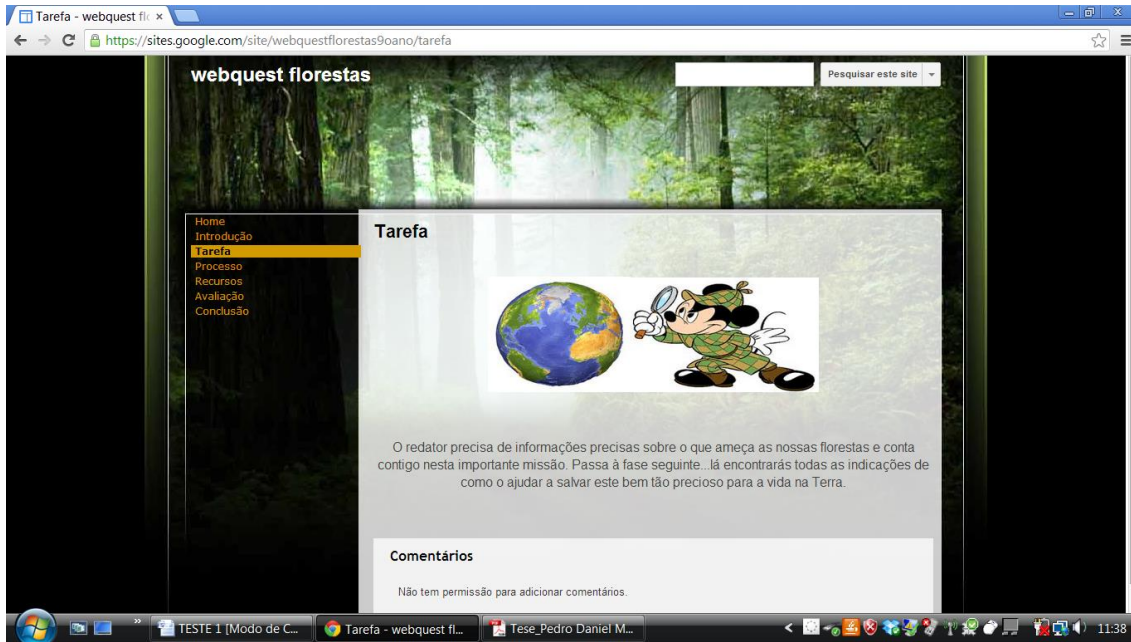
Home



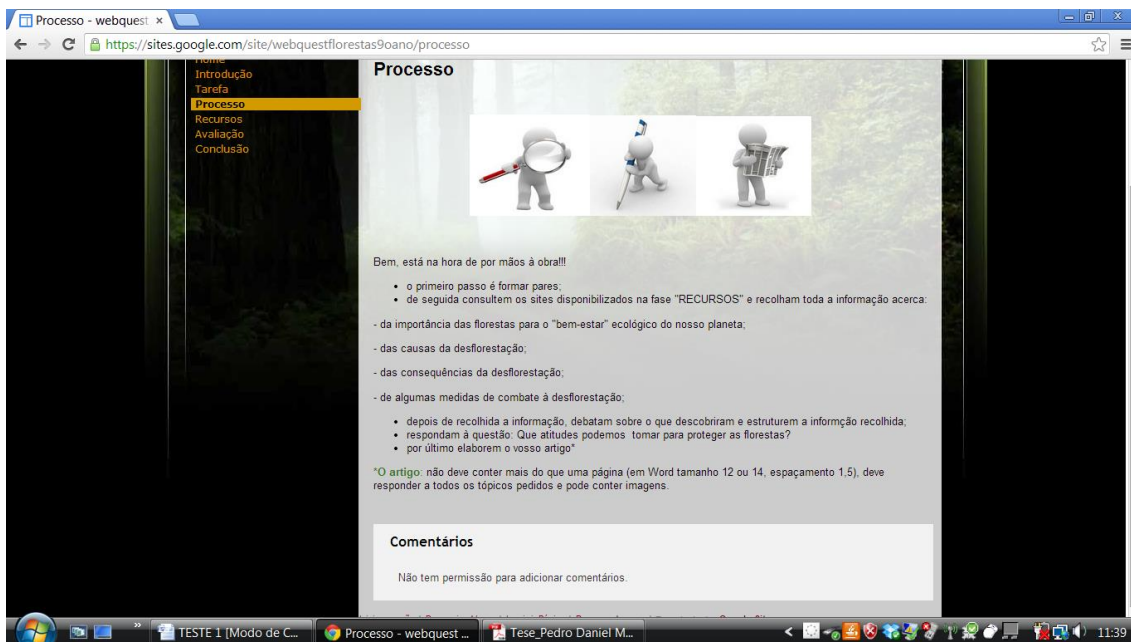
Introdução



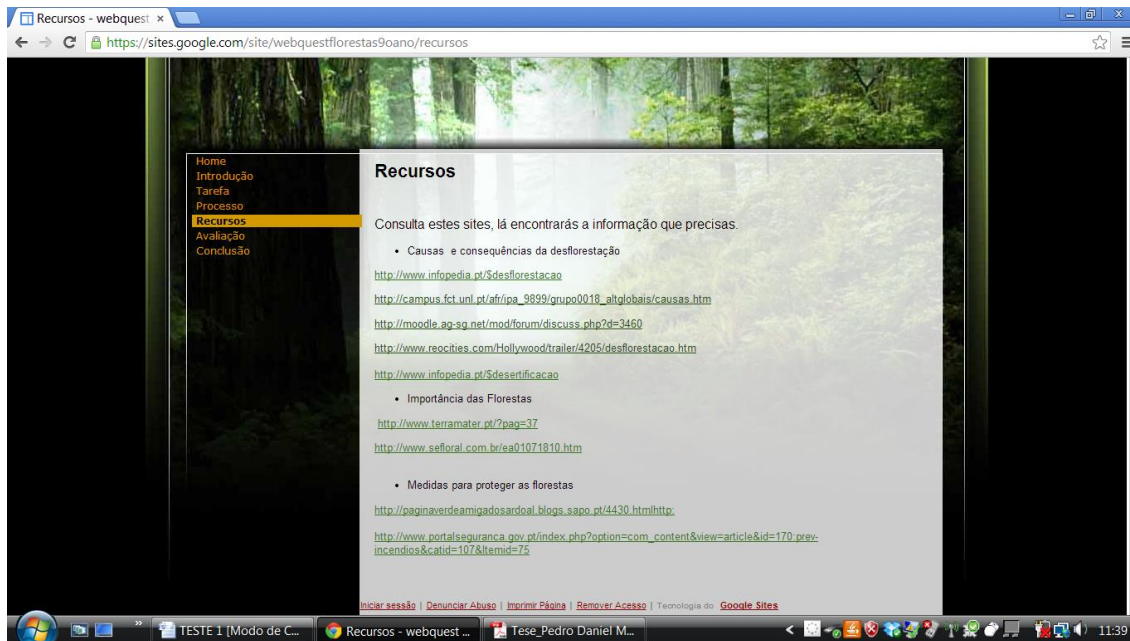
Tarefa



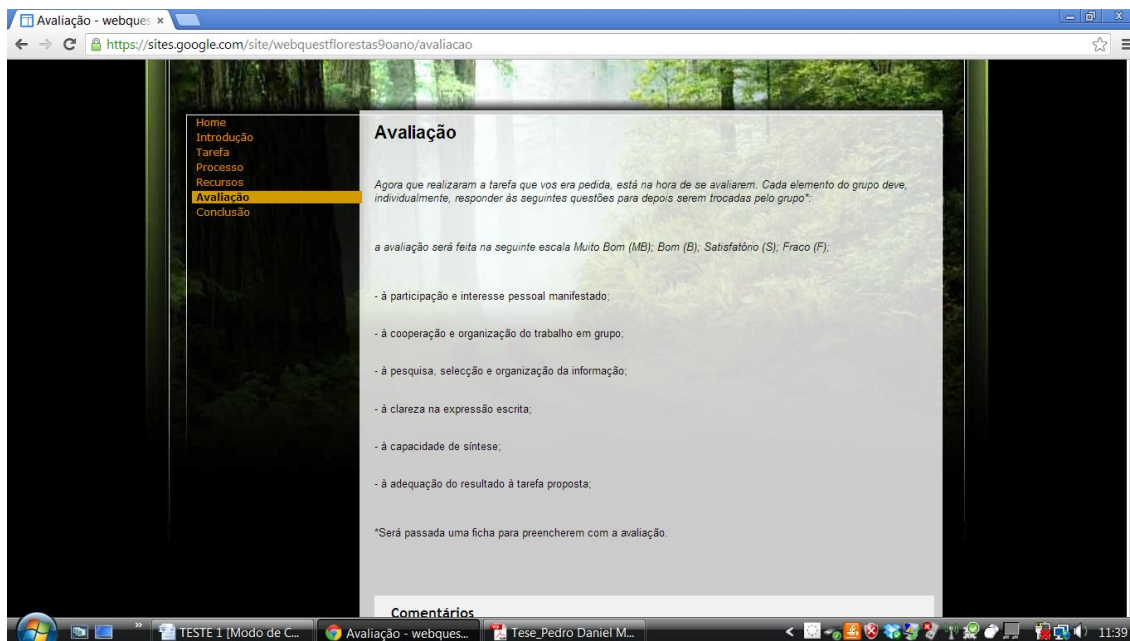
Processo



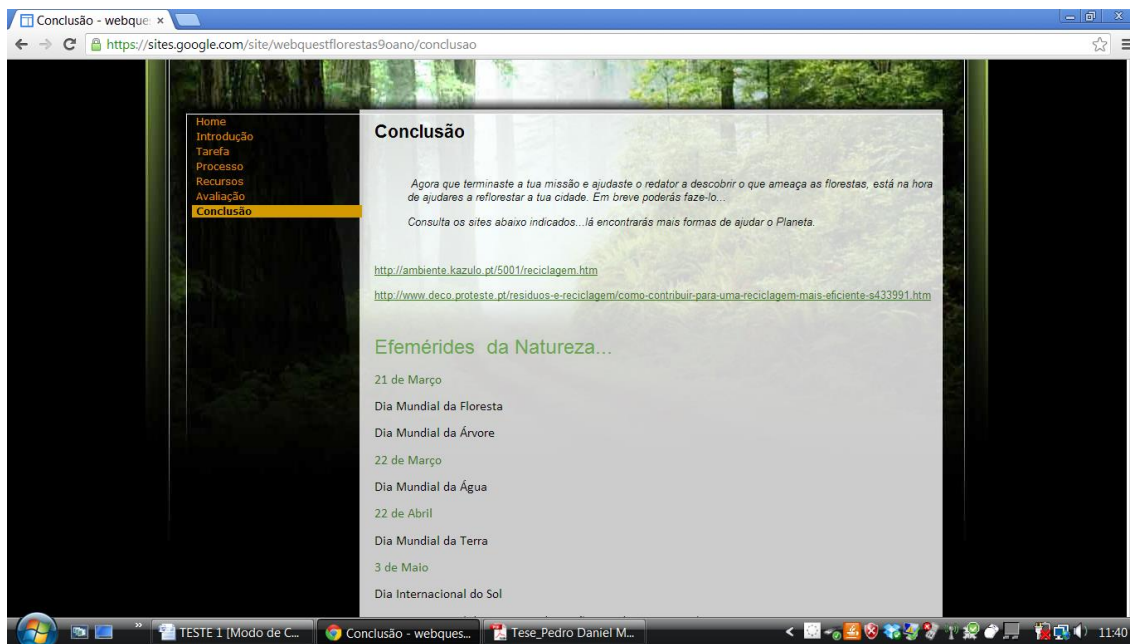
Recursos



Avaliação



Conclusão



Conclusão (Cont.)

